

LUIZ FLAVIO RANGEL

O EQUILÍBRIO DINÂMICO ENTRE O RACIONAL E O EMOCIONAL
Movimentos de formação de um bom professor

**Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau Mestre em Educação
em Ciências e Matemática da Pontifícia Univer-
sidade Católica do Rio Grande do Sul**

Orientação:
Prof. Dr. Roque Moraes

Porto Alegre
2005

LUIZ FLAVIO RANGEL

O EQUILÍBRIO DINÂMICO ENTRE O RACIONAL E O EMOCIONAL
Movimentos de formação de um bom professor

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau Mestre em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Orientador: Prof. Dr. Roque Moraes

Aprovada em _____, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof. Dr. Roque Moraes - PUCRS

Sempre que expandimos o reino de nossa experiência, as limitações da nossa mente racional tornam-se evidentes, levando-nos a modificar, ou mesmo a abandonar, alguns de nossos conceitos. (Fritjof Capra)

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa não se conclui totalmente, enceram-se ciclos de reflexões que sempre nos abrem possibilidades para outros olhares na busca constante por construções mais significativas.

Muitos contribuíram para que um projeto deste porte fosse concretizado, e esta constatação é uma das linhas fortes do trabalho, que defende a necessidade de se considerar os saberes divergentes, como forma de construir de maneira mais equilibrada um conhecimento mais consistente e que melhor consiga expressar as diversidades do nosso cotidiano.

Agradeço a Deus pelo privilégio de viver em uma época com tantas possibilidades de melhoramento individual e coletivo, mas que também apresenta enormes dificuldades de compreensão entre as pessoas em seus relacionamentos, e pela oportunidade de realizar este trabalho que de forma simples e elementar, se dispõe a refletir sobre a necessidade da inclusão de idéias e posturas diversificadas.

Agradeço aos meus pais, por terem me ensinado com a simplicidade de seus entendimentos, que o respeito aos outros é o primeiro passo para merecermos a consideração das pessoas.

Aos alunos da escola que aceitaram o desafio de participar deste trabalho de pesquisa e dessa forma contribuíram significativamente, ao fornecerem os dados empíricos que deram suporte para as nossas reflexões teóricas.

Aos professores e funcionários da Escola Estadual de Ensino Médio Cecília Meireles, que sempre dispensaram uma palavra de incentivo, que foi fundamental para nos fortalecer no enfrentamento das dificuldades ao decorrer do curso.

Aos meus colegas e professores do curso, pelos momentos inesquecíveis de construção e reflexão sobre a tarefa educativa, levando-nos à formação de laços de amizade e companheirismo.

A minha companheira, maior incentivadora deste projeto, além disso, uma mulher absolutamente imprescindível em minha vida.

Ao meu orientador professor Doutor Roque Moraes, que possui todas as características do bom professor, que este trabalho de pesquisa buscou investigar. Ele esteve presente em meus primeiros passos ainda vacilantes, que a cada dia foram adquirindo mais sustentação, devido a sua postura e profissionalismo. Hoje um pouco mais equilibrado e com uma prática pedagógica mais coerente, vejo com humildade o caminho percorrido devido à complexidade que o processo educativo exige de nós, professores.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar posturas e procedimentos do professor que contribuem para a construção de um clima favorável ao processo educativo. No desenvolvimento da pesquisa, trabalhei com 25 alunos formandos do ensino médio de uma Escola Estadual. Inicialmente por meio de um diálogo aberto, os participantes foram informados dos objetivos do trabalho. Em um segundo momento lhes foi solicitado que relatassem de forma minuciosa através de relatos textuais quais as características dos seus professores que favoreciam a construção de um relacionamento interpessoal positivo, transformando a sala de aula em um ambiente onde eles sentissem prazer em permanecer. O trabalho se preocupou em analisar mais especificamente as relações interpessoais positivas desenvolvidas pelo professor, evidenciando a importância e a necessidade de que a escola se constitua em um local privilegiado, na promoção das habilidades relacionais dos envolvidos com o processo educacional. A pesquisa conclui que o surgimento das competências dos professores ocorre com naturalidade a partir de um relacionamento interpessoal positivo, pelo fato de que ao valorizar os saberes do outro como parte integrante do processo de construção do conhecimento, o professor equilibra os aspectos formais e políticos de sua prática pedagógica, e dessa forma possibilita a criação de espaços de diálogos que ultrapassam os limites da racionalidade das disciplinas, construindo conhecimentos com a possibilidade de intervenção social.

Palavras-chave: Competências docentes. Equilíbrio. Relacionamento interpessoal. Transformação social.

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate actions and procedures of the teacher that contribute to the construction of a positive climate to the educational process. The study was conducted with 25 senior high school students of a public school. By means of an open dialogue, the participants were informed of the objectives of the research. In sequence they were requested to describe the characteristics of their teachers that, in their view, favored the construction of a positive relationship, changing the classroom into an environment where they felt pleasure in remaining. The study focused on the analysis of positive relationships development by the teachers, trying to comprehend the importance and the necessity that the school constitutes a privileged place in the promotion of relational abilities. The research concluded that the construction the teachers' competencies occurs naturally from a positive relationship among all the subjects involved in the classroom. In valuing others' knowledge as an important aspect of knowledge reconstruction, the teacher balances formal and political aspects of teaching practice and, at the same time, creates room for dialogues that exceed the limits of the disciplines' rationality, producing knowledge with possibilities of social intervention.

Key Words: teaching abilities. Balance. Relationship. Social transformation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A MINHA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO	18
3	OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS	24
3.1	Existe algo indispensável para sermos professores?	25
3.2	Competência como fator de qualificação do professor	26
3.3	A formação do professor competente	29
3.4	A construção do conhecimento	32
3.5	A construção do relacionamento interpessoal	38
3.6	A importância das relações interpessoais na prática pedagógica do professor	45
3.7	O relacionamento interpessoal como fator de humanização da educação	48
4	METODOLOGIA - COMO CONSTRUIR O QUE DESEJAMOS	53
4.1	O contexto da pesquisa e os sujeitos envolvidos	54
4.2	A origem da pesquisa e a coleta de dados	55
4.3	Como foram analisados os dados obtidos	57
5	O QUE NOS APRESENTA O ENTENDIMENTO DOS ALUNOS	62
5.1	A dedicação e o gostar de ser professor - A importância do primeiro contato com os alunos	64
5.2	O bom professor na visão do aluno	71
5.3	A reflexão e o diálogo na prática do educador	76
5.4	Os saberes do professor	83
5.5	A prática pedagógica do bom professor	88
6-	AS AÇÕES QUE FACILITAM O ENTENDIMENTO	95
6.1	As possibilidades a partir do entendimento – O que pensam os alunos?	96
6.1.1	O que a escola ensina? Quais as suas práticas?	98
6.1.2	A inclusão dos alunos a partir de alterações na prática pedagógica do professor	101
6.2	Como incluir as pessoas?	107
6.3	O que orienta a nossa prática? Ao que damos mais ênfase?	110
6.4	O gostar da profissão como forma de construir o entendimento	113

6.5	As características do professor inclusivo – A identificação do outro	116
6.5.1	È possível aprender a aprender?	118
6.5.2	A formação continuada como forma de superar concepções ultrapassadas	120
6.5.3	Conseguindo aliados para o que acreditamos	125
6.6-	A construção de consensos provisórios	127
7	CONCLUSÃO - Sintonizando frequências - Como o relacionamento interpessoal se transforma na principal competência do professor?	131
	REFERÊNCIAS	136
	ANEXO A –	140

1 INTRODUÇÃO

A partir do momento em que um educador se dispõe a analisar as suas posturas pedagógicas, inicia-se um processo de crescimento individual, originado em algum momento de sua atuação como educador ao se deparar com a complexidade do processo educativo, pois por mais ampla que seja a sua formação ela precisará estar constantemente sendo aperfeiçoada, para atender tanto os aspectos formais quanto os relacionais da construção do conhecimento.

A maioria das nossas dificuldades profissionais tem sua origem nas atitudes que dispensamos aos problemas do nosso cotidiano, que por sua vez são conseqüências de uma determinada visão de mundo, distintos em cada pessoa. Nesse sentido todas as nossas interações enquanto seres vivos se desenvolvem de acordo com o nosso script, uma espécie de programa constituído por crenças e concepções que sustentam nossas verdades.

Partindo desta visão é importante que as interações e os projetos que nos propormos a desenvolver, estejam embasados em uma visão de abertura a conhecimentos divergentes, que irão nos habilitar a romper com essa espécie de determinismo, que coloca fora do nosso alcance qualquer alteração que não estivesse previamente programada. Esse olhar mais amplo torna as nossas construções provisórias, ao mesmo tempo em que nos compromete com as transformações que desejamos que ocorram.

Em meio a esta enorme diversidade de pensamentos individuais cada um advoga conforme seus valores e capacidades, elementos que de certa forma constituem-nos individualmente. Surgem então alguns questionamentos a respeito de nós mesmos. O que nos leva a investir em cursos de aperfeiçoamento? Que tipo de professor eu sou? Quais as competências indispensáveis ao professor? Quais os desafios que a caminhada me proporcionou enfrentar?

Este trabalho de pesquisa pretende mostrar a relevância que as habilidades relacionais desempenham no processo educativo, tendo em vista que facilmente podemos comprovar em nossas escolas o desequilíbrio entre os aspectos racionais e emocionais das ações pedagógicas dos professores, oriundas de concepções educacionais com foco exclusivamente disciplinar, relegando a participação e os saberes dos alunos uma importância secundária.

Vale lembrar que as qualidades formais dos nossos saberes dizem respeito à racionalidade dos conteúdos, ao valor científico de cada disciplina específica bem como os conhecimentos inovadores que desenvolvemos. A qualidade política está ligada à ética e aos valores das pessoas, para exercerem a sua cidadania. Acrescentamos neste aspecto a importância que o lado emocional desempenha na construção desses valores que irão tornar as pessoas

mais humanas. Nesse sentido consideramos ser fundamental que o professor desenvolva estas qualidades de maneira equilibrada, o que dará coerência a sua prática pedagógica contribuindo com a construção de pessoas críticas e abertas aos saberes dos outros.

Pretendemos dessa forma, mostrar que a construção de uma sociedade mais equilibrada passa necessariamente por um relacionamento mais harmônico entre professor e aluno, por entender não ser de uma hora para outra, que as pessoas se tornam críticas e com uma argumentação consistente que lhes garanta a manutenção e a ampliação de seus direitos. Nesse sentido o processo educativo entendido como uma construção dispensa uma maior valorização às necessidades dos alunos, possibilitando que o professor promova:

- a alteração de suas práticas pedagógicas a partir da necessidade de considerar os saberes dos alunos, possibilitando que a escola aproxime os conhecimentos que desenvolve com o aprendizado da vida real.
- uma maior qualificação em suas ações docentes, a partir da dedicação e do gostar do que faz, possibilitando que o investimento em sua formação profissional passe a ocorrer com naturalidade.
- alterações no ambiente escolar a ponto de que o seu trabalho pedagógico lhe proporcione momentos de reconhecimento e crescimento mútuo, onde professor e aluno construam espaços de diálogos, e que todas as competências necessárias ao processo educativo do professor

surjam e se mantenham com a perspectiva de tornar as pessoas mais comprometidas com o seu semelhante e com a qualidade de vida como um todo.

Frente à complexidade desta tarefa, delimitar quais as competências importantes para o professor desempenhar com sucesso o seu trabalho pedagógico constitui um grande desafio, tendo em vista que cada pessoa possui sua individualidade, e sem o respeito às diversidades envolvidas no processo educacional, iremos fazer parte de construções padronizadas, que seguem um determinado modelo onde todos deverão estar enquadrados, mesmo que não tenham seus interesses contemplados.

Nesse sentido as competências também precisam ser vistas como provisórias, nossos saberes são úteis e indispensáveis como ponto de partida, mas não podem ser entendidos como receitas definitivas. Conforme Perrenoud;

Bastaria dar às ciências sociais na escola o mesmo tempo que à física ou a biologia? Talvez se devesse pensar em um reequilíbrio das disciplinas. Porém, de nada serviria acrescentar conhecimentos aos conhecimentos sem se preocupar em mobilizá-los mais para a compreensão e para a resolução de problemas individuais e coletivos (2005 p.83).

Portanto o professor precisa manter-se competente, e isso requer transcender os limites de um determinado número de técnicas e procedimentos, neste aspecto o relacionamento interpessoal se constitui na competência que consegue fazer a ligação com todas as demais capacidades do professor, possibilitando que a sua prática pedagógica se desenvolva equilibrando aspectos formais e relacionais de seus saberes.

Partindo desta visão, a formação continuada e a reflexão sobre a nossa prática são fatores que nos permitem evitar a repetição de atitudes e posturas excludentes. Portanto os cursos de graduação seriam muito mais úteis se proporcionassem aos futuros professores um maior investimento nos valores relacionais das pessoas sem menosprezar a racionalidade, mas entendendo não ser ela a única possibilidade de conhecimento.

Neste sentido é preciso que nossas práticas deixem de focar o conhecimento como verdades absolutas. Dessa forma irá surgir espaço para ouvir nossos alunos e incentivá-los a duvidar das costumeiras rotinas e tradições escolásticas da escola e de seus mestres, tornando possível refletirmos sobre as práticas tradicionais que a escola desenvolve.

Quando o professor se dispõe a ouvir seus alunos, ele os valoriza transformando-os em parceiros no desenvolvimento de suas ações, até por que elas são os resultados dessa atitude inicial. Isso irá nos aproximar dos alunos que mantêm certa distância do seu professor, pelo fato de “saber menos” e pelas tradições da própria escola.

Vencer esta barreira e ficar mais próximo do aluno é a principal tarefa do educador que, a partir disso, pode suprir qualquer dificuldade cognitiva do aluno. “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições: um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 47).

É importante destacar que este tipo de discussão irá possibilitar uma reflexão da prática do professor, no sentido de levá-lo a questionar suas concepções educacionais, e como

conseqüência suas ações docentes, pelo fato de que o entendimento do processo educativo como construção vê as pessoas como possibilidades para produzir alterações em posturas determinadas, o que torna o ato educativo um processo interativo e inacabado.

Essa visão mostra que as ações das pessoas passam a ter importância, e a forma de encarmos nossas dificuldades tem muito a ver com os valores e atitudes que desenvolvemos na escola. A partir dessa concepção o ato educativo assume uma importância muito grande com o processo de transformação da sociedade, tendo em vista que viver torna-se um processo aberto e provisório. Nesse aspecto, desenvolver o trabalho com satisfação, significa investirmos em relacionamentos que irão proporcionar ambientes agradáveis, entendimento que nos fará desejar o crescimento do outro, como forma de humanizar o processo educacional.

A realização deste trabalho me possibilitou uma transformação como educador, no sentido de que a minha ação docente também refletisse uma postura coerente como cidadão. Além disso, compreender que ser coerente com as coisas nas quais acredito, não significa encerrar as buscas e transformar salas de aulas em ambientes conformistas. A educação precisa ser um processo que nos prepare para entendermos que a reflexão sobre conhecimentos divergentes possibilita a nossa identificação como pessoas, e que é no coletivo que encontramos sentido para viver.

O trabalho está organizado de forma que apresentamos no segundo capítulo algumas reflexões sobre as concepções educacionais e a escola em sua origem, tentando mostrar que algumas das nossas práticas pedagógicas da atualidade ainda guardam resquícios de condutas exclusivamente diretivas e fechadas, que tinham no professor a única fonte de conhecimento.

Ainda neste capítulo tentamos mostrar os momentos mais decisivos da trajetória de um educador, bem como alguns questionamentos que passaram a nortear este trabalho de pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos que posteriormente irão ancorar toda uma discussão a respeito de quais são as competências indispensáveis para que o professor consiga conviver de forma satisfatória com uma turma de alunos provenientes de contextos distintos.

No quarto capítulo, apresentamos a abordagem metodológica bem como a forma de interação com os sujeitos da pesquisa, que através de seus relatos nos fornecem subsídios, para uma posterior análise na tentativa de compreendermos o que realmente é imprescindível para atuar como professor.

No quinto capítulo, apresentamos a análise dos dados empíricos, trazendo para a discussão reflexões dos capítulos anteriores, como forma de tentar responder o problema da pesquisa.

No sexto capítulo continuamos com a análise das falas dos alunos, por entender que a resposta para o problema de pesquisa esteja nas características dos professores que conseguem desenvolver posturas pedagógicas que equilibrem os aspectos formais e relacionais do conhecimento.

Como análise final, procuramos demonstrar a importância de que o professor desenvolva uma prática pedagógica que equilibre os aspectos formais e relacionais do conhecimen-

to, como forma de participar da construção de um ser humano integral capaz de reconhecer a importância dos avanços da racionalidade, e ao mesmo tempo ter a compressão de que as suas ações frente a esta racionalidade irão se constituir no diferencial de sua vida e também das pessoas com quem interagir.

O mestrado significa para mim uma tentativa de localização como profissional, pois entendo que o equilíbrio dinâmico entre o racional e o emocional possibilita que os diversos movimentos desenvolvidos pelo educador durante a sua formação, passem a se constituir nas características essenciais para um bom professor.

2 A MINHA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO

Pretendemos neste capítulo mostrar a trajetória de um educador, bem como as concepções que nortearam o funcionamento das primeiras escolas em nosso país, e que de certa forma ainda exercem uma forte influência nos procedimentos pedagógicos atuais. É importante destacar que a escola continua a embalar os sonhos de uma vida melhor para as pessoas.

O cotidiano de uma escola impressiona ao leigo pela diversidade de reações das pessoas que ali são estabelecidas. Atitudes que se alteram conforme a faixa etária dos alunos, as turmas envolvidas, a atuação dos professores e até mesmo o momento da observação. As pessoas em sua grande maioria, mais ou menos inconscientemente imaginam a escola como um lugar de silêncio absoluto, aliado a uma espécie de respeito a todas as determinações dos professores.

Embora isso não corresponda mais à verdade, as nossas instituições educacionais ainda mantêm algumas normas escolásticas, que deram origem a este rótulo de instituição for-

madora, onde as crianças freqüentavam para aprender. Esta singela definição do ambiente escolar extraída do senso comum justifica muitos procedimentos que ainda hoje são freqüentes nas escolas.

Partindo dessa visão, é fácil entender o porquê de o professor ser quem determina o que os alunos precisam aprender, e como conseqüência se constituir na autoridade legítima para estabelecer as suas posturas na sala de aula. Neste sentido, muitas vezes as características de bom professor desenvolvem uma relação proporcional com os procedimentos que determinam à forma de agir dos alunos, com o objetivo de manter a ordem na turma.

Mas quais as competências? O que sabiam estes seres “superiores” que tinham a tarefa de ensinar os outros? No início eram praticamente autodidatas, sabiam escrever e faziam alguns cálculos geralmente relacionados com o cotidiano das pessoas. Nesse contexto, manter a ordem através de uma disciplina rígida consistia na competência indispensável para atuar como professor.

De certa forma essa postura é facilmente entendida, se analisarmos as concepções que davam sustentação ao trabalho pedagógico dos educadores. O professor era quem determinava o que os alunos deveriam aprender pelo fato de ser ele o detentor de todo conhecimento, portanto a educação consistia em ouvir com atenção o mestre, que fazia uso de qualquer instrumento para manter a turma sob seu controle.

Na verdade a educação mesmo antes de ser instituída através das escolas, sempre visou à manutenção dos interesses sociais da classe dominante sobre a classe trabalhadora,

constituindo-se em um mecanismo altamente eficaz, para controlar e manter os interesses das classes hegemônicas, pois “a tendência liberal considera que as diferenças sociais, a pobreza, a discriminação e a exclusão das minorias são consideradas como efeitos colaterais, tributos inevitáveis ao desenvolvimento e ao progresso que beneficia a maioria” (GÓMES, 2001, p.53).

É importante destacar que a educação devidamente sistematizada através de conteúdos e técnicas determinadas através da escola como hoje a conhecemos, sem qualquer possibilidade de intervenção por parte dos alunos, continua servindo apenas para transmitir informações visando à domesticação, controle e garantia de mão de obra um pouco mais qualificada, mas sem nenhum senso crítico da alienação social, que estão submetidos, pois “é importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inclusão nos dominados da responsabilidade por sua situação” (FREIRE, 1996, p.83).

Sem ter a menor idéia desse contexto, eu era apenas um menino inquieto para começar a estudar, pois freqüentar a escola sempre me despertou muita curiosidade, talvez pelo fato de ter crescido ouvindo as pessoas dizerem que era preciso estudar para ser alguém na vida.

Quando cursava o segundo ano do curso de ciências na faculdade, passei a trabalhar pela primeira vez como professor em uma escola de 1º grau do interior do município, com turmas uni-docentes de 1ª a 4ª série. Foi dessa forma que iniciei minha carreira no magistério, trabalhado com alunos de várias séries e sem ter feito curso de segundo grau na área do magistério. Complementando este quadro, no mesmo ano comecei a trabalhar no ensino médio com a disciplina de química.

Esse foi o contexto onde iniciei o meu trabalho como professor. Frente a este desafio e na ausência de conhecimentos didáticos que pudessem nortear a minha postura pedagógica, tornei-me um professor disciplinador que dava ênfase aos conteúdos. É importante ressaltar que ao exigir disciplina e manter os alunos sempre ocupados com bastante trabalho, mantinha um ambiente calmo e absolutamente sob controle, o que para um professor iniciante era sinônimo de competência.

Continuei trabalhando no magistério, antes da minha graduação e por longos anos depois de formado. Tive a oportunidade de trabalhar no Ensino Fundamental e Médio, com todas as disciplinas da área de ciências, dentro da concepção de que o professor ensina e o aluno aprende. É importante destacar que nem sempre conseguimos programar os projetos e as concepções que tomamos conhecimento nos cursos de formação, ou pela falta de confiança que deriva da precariedade de nossas formações, ou em grande parte pelo formalismo e a rotina de práticas pedagógicas fechadas que a escola desenvolve.

Tive a oportunidade de trabalhar no Estado de Santa Catarina por dois anos e meio, período que considero muito importante para o meu crescimento profissional, pelo fato de que ao sairmos de um ambiente com o qual estávamos habituados ficamos inseguros, pois de certa forma as nossas competências como profissional irão ser avaliadas em realidades que não conhecemos e quando obtemos um resultado satisfatório, elas se tornam uma referência positiva.

Voltando para minha cidade, trabalhei por dois anos exclusivamente com a disciplina de química, e ao final deste tempo, com o término do estágio probatório, fui nomeado diretor

da Escola. Mesmo assim devido à falta de profissionais habilitados na área, continuei ministrando algumas aulas, principalmente pelo fato de que os professores da disciplina não tinham formação e alguns estavam iniciando o curso de graduação e, portanto, necessitavam de acompanhamento.

Pelo fato de a escola ter passado vários anos sem ter um professor de química com habilitação eu continuava de certa forma muito ligado aos problemas que estávamos enfrentando nesta disciplina. É importante destacar que a direção da escola é uma função muito complexa além de que, esta era a minha primeira experiência como diretor e estava enfrentando muitas dificuldades. Frente a este desafio, realizei um curso de pós - graduação na área de gestão e administração escolar, mas continuei de certa forma participando das discussões e do desenvolvimento da disciplina de química junto com os colegas responsáveis pela área.

Neste sentido é que se destaca a importância da formação do professor, porém ela precisa estar ligada a algo mais, para que consiga criar situações significativas de aprendizagens. Esse algo mais ainda não identificado em sua totalidade tem a ver com a forma que o professor está interagindo com seus alunos, principalmente no que diz respeito à qualidade das relações interpessoais, que é uma competência que de certa maneira pode ser entendida como um dispositivo que torna mais atraente qualquer coisa que o aluno venha a se envolver.

A partir disso se faz necessário identificar na prática pedagógica do professor, quais as atitudes e competências consideradas indispensáveis, para o surgimento de uma relação interpessoal de qualidade, conduta esta que precisa se fazer presente nos educadores de qualquer disciplina. Além disso, é necessário compreendermos as suas origens, tendo em vista que uma

prática pedagógica centrada na formalidade dos conteúdos não garante necessariamente um bom aproveitamento dos alunos, sendo necessário que a atuação do professor se desenvolva equilibrando os aspectos formais e relacionais do conhecimento.

Entendo ser importante neste momento, destacar o fato de que a escola na atualidade possui profissionais graduados em praticamente todas as disciplinas do currículo escolar, e isso é devido ao incentivo de alguns professores e da escola de uma maneira geral, no sentido de que os alunos optassem pela realização de cursos de graduação nas disciplinas científicas, que são onde se situam as maiores carências de professores. Nesse aspecto a postura e o desempenho dos profissionais que trabalhavam nestas áreas de conhecimento passaram a ser fundamentais para despertar a motivação e o interesse dos alunos.

Consideramos importante destacar que este trabalho se originou devido a uma espécie de contradição com relação ao desempenho de professores com graduação em relação aos que estavam realizando seus respectivos cursos de formação. Porém esta questão será objeto de estudo detalhado, no capítulo destinado à metodologia deste trabalho de pesquisa.

3 OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos deste trabalho de pesquisa, que irão ancorar uma reflexão a respeito da formação e a origem das competências dos professores, a partir de um relacionamento interpessoal satisfatório, possibilitando que o professor equilibre a racionalidade das disciplinas específicas, com as suas habilidades relacionais, no desenvolvimento do processo educativo com os alunos.

O trabalho não visa à elaboração de uma listagem das principais competências do educador, mas provocar uma reflexão ampla por entendermos que mais importante do que saber quais as competências necessárias ao bom professor, é necessário que ele reconheça o outro como sujeito no processo de construção do conhecimento, e passe a valorizar o aluno como possibilidade, e em função disso altere a sua própria prática pedagógica. Nesse aspecto o início desta exploração pretende esclarecer o que realmente é necessário para nos constituirmos em um bom professor.

3.1 Existe algo indispensável para sermos professores?

Estes questionamentos que estamos levantando neste capítulo fazem sentido devido a diferentes resultados apresentados por professores nas diversas áreas do conhecimento. Nesse aspecto acreditamos que existem alguns pressupostos indispensáveis para que o educador consiga obter um bom desempenho frente a uma turma de alunos.

Este contexto enfatiza que existe um conjunto de conhecimentos e posturas inerentes ao ofício de educador, pois o professor competente precisa saber lidar com situações imprevisíveis e agir na incerteza, sempre encontrando maneiras para desenvolver através dos conteúdos de sua disciplina, os valores com as quais as pessoas pretendem efetivar os seus projetos pessoais.

Nesse sentido, ser ou não um bom professor tem a ver com a qualidade da mediação, que o educador constrói com seus alunos, e de acordo com Vallejo “o bom professor sabe dar segurança, é próximo e familiar, é sensível às necessidades dos alunos, dá ajuda extra, não discrimina, auxilia os que vão pior, é humilde e reconhece os próprios equívocos” (1998 p. 33).

É importante ressaltar que ao nos desafiar em uma análise mais detalhada sobre o relacionamento interpessoal do professor, o fazemos por entendermos ser a partir de um ambiente agradável ao processo educacional, que o educador irá conseguir equilibrar os aspectos

formais com os valores relacionais de sua prática pedagógica. Nesse sentido iremos respaldar nossas reflexões em aspectos como: as competências como fator de qualificação do professor; a formação do professor competente e sua prática pedagógica e a construção do conhecimento.

3.2 Competência como fator de qualificação do professor

O termo competência passou a ser aceito como uma credencial na escolha de bons profissionais, de certa forma passou a ser uma espécie de requisito indispensável para que qualquer pessoa que fosse executar um determinado trabalho tivesse condições de desenvolvê-lo de maneira satisfatória.

A competência está diretamente ligada à ação das pessoas em executar um determinado trabalho. Inicialmente se originou nas empresas, e de uma maneira simplista foi definida, como a capacidade de um determinado profissional desenvolver o seu ofício.

Na educação a competência surgiu como treinamento, tendo em vista que as concepções educacionais da época davam ênfase ao treinamento de mão de obra para atuação nas empresas. Atualmente a competência passou a ser entendida como algo mais versátil, além de

ter avançado também em amplitude, o que possibilita ao professor aprender a aprender, só conseguido através da reflexão sobre a tarefa executada.

Neste contexto a competência, passou a ser entendida como um recurso, um saber fazer, enfim algo provisório, de acordo com Ramos, (2002, p. 230), “a capacidade de continuamente improvisar e inventar algo novo sem lançar mão de uma lista pré-estabelecida”, o que possibilita ao profissional, agir em situações que não foram previamente programadas, além de estabelecer a necessária mediação entre conhecimento e inteligência, uma espécie de equilíbrio entre os conhecimentos do professor, e os valores utilizados para manifestar estes saberes, pois quem é competente, adquire a “capacidade de saber fazer, além de fazer-se oportunidade” (DEMO, 2003, p. 55).

Por ser um recurso provisório, a competência é construída no desenrolar das atividades pedagógicas e principalmente na reflexão sobre a prática do professor. É importante ressaltar que tomamos consciência da manifestação das competências, quando estamos conseguindo produzir alteração em nossas práticas pedagógicas.

Vale lembrar que a competência precisa estar presente em nossa formação acadêmica, porém de acordo com Ramos (2002, p.282), “títulos e diplomas, mesmo que mantenham certa importância para a inserção profissional inicial, não determinariam a nossa permanência no mercado de trabalho”. Na verdade a competência somente consegue adquirir sentido concreto, quando se constitui em melhoria da nossa qualidade de vida como seres humanos, onde qualidade de vida é entendida como “a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência de um

indivíduo e seu grupo familiar dentro da sociedade com as características da atual” (MALDANER, 2000, p. 17).

Por mais amplos que tentássemos ser ao elaborarmos uma lista com as principais competências, correríamos o risco de parecermos reducionistas. Porém para o educador tornar-se imprescindível: envolver os seus alunos com a aprendizagem, ser capaz de trabalhar em equipe, além de administrar a própria formação.

Essas competências citadas, não se constituem em nenhuma receita para os professores, porém acreditamos que a qualidade da prática pedagógica possui uma forte ligação com a qualidade do professor, sendo que “o primeiro sinal de sua competência, é o ‘desconfiômetro’, ou seja, a humildade de aceitar a crítica e facilitar a sua autocrítica” (DEMO, 2002, p. 155).

É de fundamental importância não esquecermos que as competências dos professores não existem, ou perdem a sua significação, se não estiverem relacionadas a um contexto, pois qualquer prática pedagógica que não tenha relação com o cotidiano onde esteja inserida fica destituída de sentido, pela razão de que: tanto o conhecimento como as suas formas de construção, não ocorrem de maneira linear.

Nesse aspecto, a competência do professor não se resume apenas ao domínio racional dos conteúdos, mas sim, em descobrir as formas mais adequadas de relacionamento, que possibilitem que a um determinado conhecimento formal, seja adicionado valor relacional e ético.

Esse equilíbrio irá determinar quais competências precisarão estar presentes na formação do professor, tendo em vista desenvolverem uma relação simultânea e complementar.

3.3 A formação do educador competente

Vale lembrar que a formação do professor é uma tarefa para toda vida, sendo que o sentido da prática educativa, muitas vezes é conseguido durante esta trajetória. Isso não significa menosprezar as formações acadêmicas, que apesar de receberem muitas críticas, ainda se constituem no início de uma caminhada.

O educador competente trabalha com saberes abertos, ou seja, os conhecimentos e as situações não se encontram definidas, sem possibilidades de intervenção. Neste sentido o professor precisará com frequência usar a criatividade, para equilibrar a sua prática pedagógica a situações de incerteza, que não haviam sido previamente estipuladas.

A educação contemporânea conforme Paquay, (2001, p.142), considera que “talvez o essencial na formação dos professores consista em visar à constituição de uma identidade profissional ancorada no prazer de ensinar”, ou seja, a sua formação precisará surgir dos seus desejos, além de que somos seres inconclusos e em permanente aprendizado, e a reflexão sobre a prática precisa se constituir no eixo norteador da nossa formação.

Uma questão de grande relevância, que pode ser considerada uma espécie de pré-requisito, para construção e manutenção das competências, é o fato de que elas precisam considerar a complexidade originada dos diferentes contextos dos alunos, e para esse enfrentamento se fazem necessários procedimentos dinâmicos, que possibilitam a abertura para conhecimentos e práticas divergentes.

Nesse aspecto a prática pedagógica e a postura do educador, precisam ensinar o aluno a perguntar, sem fornecer receitas que levam sempre ao mesmo resultado previamente determinado. Portanto a formação do professor, que não habilitá-lo para desenvolver seu trabalho pedagógico de forma a equilibrar a racionalidade dos conteúdos acadêmicos com as suas habilidades relacionais, não irá conseguir fazer que este professor desenvolva condições para enfrentar a complexidade da tarefa educativa nos dias de hoje, que exigem mais do que simples respostas. Neste sentido concordo com Cury, (2003, p.126), quando afirma que “a dúvida nos provoca muito mais do que a resposta”.

Partindo desta visão, entendemos que a formação de um educador competente necessita assegurar e manter a coerência entre suas teorias e ações, visando a atingir a compreensão que se constitui no objetivo final do seu trabalho pedagógico, pois o verdadeiro educador “influencia mais a personalidade de seus alunos pelo que é do que pelo que sabe” (CURY, 2003, p. 140).

Isso nos leva a refletir, que é de fundamental importância que seja entendida a amplitude das competências que estão na origem das construções dos nossos conhecimentos. Nesse sentido para se estabelecer o equilíbrio dos aspectos formais e relacionais do conhecimento na

prática pedagógica do professor, é necessário construir o entendimento de que as competências se inserem dentro de um processo dinâmico de construção e reconstrução além de que determinadas ações pedagógicas poderão exigir a atuação harmônica de várias competências atuando em sintonia.

Nesse sentido é necessário que a formação do professor também contemple o desenvolvimento equilibrado da racionalidade dos saberes docentes, com as habilidades relacionais, por entendermos que a coerência desses aspectos nos constitui como profissionais, pois de acordo com Antunes, (2001, p.78), “uma vez constituída nenhuma competência permanece adquirida por simples inércia”, elas são provisórias, tal qual os conhecimentos que ajudam a construir.

Partindo desta visão, o educador que reflete sobre suas ações pedagógicas não utiliza as suas competências isoladamente. Ele construiu o entendimento de que, tal como a formação do professor, as competências também são dinâmicas e se renovam, portanto são complementares. Nesse aspecto elas são ferramentas que individualmente servem para determinados serviços, porém os maiores benefícios são conseguidos quando o professor utiliza suas capacidades, de forma que elas se transformem em um programa educacional equilibrado, e apresentem possibilidades de alteração em práticas pedagógicas fechadas.

Esta reflexão desenvolvida pelo professor sobre as suas práticas pedagógicas, produz como consequência uma ampliação sobre as concepções que sustentam a sua formação profissional levando-o a compreender o conhecimento como construção.

3.4 A construção do conhecimento

O ato educativo sendo entendido como construção, consegue ver o aluno como possibilidade. Partindo dessa visão, construir não se constitui em uma tarefa isolada, pois os envolvidos com o processo precisam desejá-lo. Frente a este desafio, a “construção e o crescimento de um ser humano guarda paralelos marcantes com o desabrochar de uma flor” (ANTUNES, 2003, p. 63).

No que diz respeito à construção do conhecimento, é preciso estar atento para que ela não ocorra sempre dentro de parâmetros e normas que deram resultados com outros alunos em contextos diferentes, pois o ser humano é diferente a cada instante, e, portanto nada justifica que as nossas práticas pedagógicas continuem a se repetir, sem considerar a diversidade de cada turma.

Todo e qualquer procedimento rígido que é desenvolvido sem ser submetido a uma constante reconstrução, impede que o aluno desenvolva a sua própria caminhada. Com base nesses entendimentos. Antunes, (2001, p. 42), enfatiza que “não se responde ao aluno o que ele é capaz de descobrir sozinho”.

Por isso o professor precisa ter bem claro, que o ser humano constrói conhecimentos conforme o seu momento, situação, emoções e problemas que esteja vivenciando, além de que é preciso iniciar pela realidade do aluno, para chegar a algo mais elaborado. Sob este enfoque

Santos ressalta que “o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade” (SANTOS, 2003, p. 90).

Vale lembrar que o importante nesta trajetória, é que ela observe os tempos e as intenções diferentes na aprendizagem de cada pessoa, pois possíveis descobertas ou os mesmos obstáculos, podem significar oportunidades de crescimento distintas para cada um, neste sentido o aprender com a diversidade passa a se constituir em uma das razões fundamentais no processo de construção do conhecimento, pois de acordo com Moraes, (2005, p, 6), “ o caminho é diferente para cada aprendiz. Nisso o próprio professor também se envolve em aprender e reaprender”.

Nesse sentido é que a necessidade de compreensão precisa estar presente sempre que existirem desequilíbrios e contradições com relação aos nossos saberes, e, portanto, toda construção de conhecimentos, visa o estabelecimento de consensos provisórios com relação aos temas discutidos. Frente a este desafio, a atuação do professor adquire uma importância fundamental tendo em vista que consensos são estabelecidos com práticas pedagógicas, que equilibram os aspectos formais e relacionais dos saberes em questão.

É importante destacar que uma atuação do professor ancorada no equilíbrio e no bom senso facilita o surgimento de uma argumentação cada vez mais consistente, pelo fato de que posturas e conceitos extremistas necessitam serem constantemente reconstruídos para que as nossas construções tornem-se cada vez mais coerentes.

Esta também é a posição de Piaget, para quem “os nossos progressos cognitivos não se processam pela escola, mas em todas as oportunidades em que, na sua relação com a realidade, os seus pensamentos espontâneos são colocados em desequilíbrio” (REY, apud, 2002, p. 205). Isso enfatiza a intencionalidade das nossas construções, além de que o fato de estarmos conscientes disso passa a ser um fator de distinção para os seres humanos.

A intencionalidade do ato educativo só está presente nos seres humanos, e neste sentido é que todos os recursos e posturas pedagógicas que fazemos uso no processo de ensino aprendizagem visam sempre produzir alterações, pois “o mundo social não é nem fixo, nem estável, mas dinâmico e mutável por seu caráter inacabado, subjetivo, intencional e construtivo” (GÓMES, 2001, p. 64).

Ao refletirmos sobre este contexto, ficamos com uma estranha sensação de provisoriidade e incompletude, pois quanto mais avançamos mais necessário se torna continuar a caminhar. Sentimos uma espécie de desconforto e insegurança, por sabermos tão pouco justamente quando mais evoluímos. Essas são características da sociedade moderna, que enfatiza a racionalidade, sem responder a problemas simples por serem considerados utópicos, como nossos sonhos e projetos pessoais.

É nesse sentido que o grande desafio da nossa educação está em compreendermos que as construções em que precisamos estar envolvidos durante toda vida, necessitam incluir a nossa formação como seres humanos, onde “a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social” (ASSMANN, 2003, p. 29).

Nesse momento, é necessário voltarmos a ressaltar que os conhecimentos abertos constituem a essência da construção do conhecimento, por trabalharem com verdades provisórias, que valorizam a criatividade e, portanto não são determinados a priori. Esses conhecimentos são inclusivos, pois consideram os saberes dos envolvidos com o processo educativo.

A construção de conhecimentos por trabalhar com verdades provisórias precisa superar a racionalidade linear, pois somente esta atitude irá possibilitar que a educação ultrapasse o individualismo e o sentido de competição entre professor e aluno. Nesse aspecto Maturana, (1998, p. 35), ressalta a necessidade de valorização dos saberes de cada um. “Não desvalorizemos nossas crianças em função daquilo que não sabem; valorizemos seu saber”.

Essa superação é necessária, para podermos entender a complexidade dos relacionamentos na sala de aula, pois teorias e paradigmas constroem-se e são descartados deixando um grande número de questões sem respostas, além de não aproximarem as conquistas científicas da população, tornando evidente que a racionalidade não pode se constituir na única forma de conhecimento.

Sob este aspecto, acredito que estaremos produzindo avanços qualitativos em nossas escolas quando entendermos que o relacionamento interpessoal, desenvolvido com os alunos, possibilita ao professor equilibrar a distância que existe entre as disciplinas científicas, das demais que tratam do relacionamento entre as pessoas, ou seja, quando as artes tiverem o mesmo prestígio que as ciências exatas em nossos currículos e práticas pedagógicas.

É de fundamental importância, destacar que educadores experientes e com muitos conhecimentos sucumbem frente a uma turma de alunos por esmiuçarem de tal modo os conteúdos, que matam qualquer possibilidade de intervenção e curiosidade dos alunos, por despejarem sobre a turma uma grande quantidade de exercícios e definições previamente estabelecidas pelo professor, tornando os alunos simples objetos. Conforme Freire, (1996, p. 143), “esse educador está acomodado com o mundo, e possui muito pouco de formador na verdade constituiu-se em um mero exercitador de destrezas”.

Não é sem espanto perceber que esse professor não consiga entender a passividade do seu aluno, que se mostra desinteressado e transforma uma simples ida ao banheiro em constantes rotinas e momentos de puro lazer, tudo porque faltou ao professor a sensibilidade de incluí-lo, pois sem se dar conta o professor ministrou uma excelente aula, para ele mesmo. Vale lembrar que é nesse contexto que Demo, (2003, p. 83), afirma que “não tem coisa mais velha e inútil do que uma aula surrada”.

Surge neste contexto a necessidade de que o professor ao se propor sustentar suas ações docentes sob a ótica de que os conhecimentos são construídos, passa a ser fundamental que suas práticas docentes utilizem a pesquisa como forma concreta de colocar seus alunos frente às indefinições do que eles se propõem a investigar. Moraes enfatiza que: “o professor que assume os riscos de utilizar a pesquisa em suas aulas propõe-se a ensinar o que não sabe a partir do que ele e seus alunos já sabem” (MORAES, 2005, p. 6).

A pesquisa como norteadora das ações pedagógicas do professor mostra que a construção de conhecimentos não consiste em estabelecer verdades, mas pretensões sobre elas, o

que suscita no educador reflexivo, a consciência de que educar é muito mais do que transmitir conhecimentos, “educação tem a ver com finalidades substanciais da vida, como ética, cidadania e direitos humanos, auto-estima, direitos humanos e desenvolvimento” (DEMO, 2002, p. 130).

Para construir conhecimentos sob esta ótica, se fazem necessárias alterações na postura do educador, que precisa ver na diversidade um fator de possibilidades e não de limitação, este professor precisará desejar, além de envolver as pessoas de uma forma coerente só conseguido através da contextualização.

A contextualização é necessária para que os conhecimentos da escola passem a ter sentido no cotidiano dos alunos, pois é peculiar que os seres humanos se envolvam em projetos, que de alguma forma desperte o seu interesse, ou seja, só faz sentido se esse envolvimento mexer com algo que nos diga respeito, que tenha ligação com a nossa vida. Para isso é indispensável “trabalhar com a proximidade entre o que se aprende na escola com a vida real” (DEMO, 2003, p. 45).

Neste estágio desta reflexão, está claro que a construção do conhecimento precisa ser desenvolvida por meio de práticas pedagógicas que contextualizem os conhecimentos trabalhados, e que os aspectos formais e éticos sejam desenvolvidos de forma equilibrada. Além disso, a formação do professor exigirá constantes ajustes e aperfeiçoamentos no decorrer deste processo, falível e provisório.

Ao entendermos o processo educativo como construção, as possibilidades estão em aberto, e, portanto é fundamental aprendermos com os outros, para termos possibilidades de construções cada vez mais significativas. Nesse aspecto o relacionamento interpessoal que o professor desenvolve com seus alunos, pode vir a se constituir no elo entre todas as demais competências do professor, pois possibilita ao educador o desenvolvimento equilibrado de todos os aspectos de sua prática pedagógica.

3.5 A construção do relacionamento interpessoal

É de fundamental importância ao falarmos de relacionamento interpessoal, que o professor esteja aberto a saberes divergentes. A visão para esta postura mais inclusiva do professor se manifesta através de um rol competências profissionais, oriundas de suas formações acadêmicas constantemente atualizadas nos cursos de formação e da reflexão sobre a sua prática cotidiana.

Além disso, a prática pedagógica do professor precisa estar sendo desenvolvida de forma equilibrada, no sentido de que os saberes construídos na escola transcendam os domínios formais das disciplinas e dessa forma aumentem as possibilidades de entendimento frente a conhecimentos divergentes dos outros.

Após este enfoque inicial, o relacionamento interpessoal assume a condição de competência de ligação com todas as demais competências necessárias para o professor desenvolver o seu trabalho de forma satisfatória, ou seja, passa a atuar como meio de ligação sem que isso signifique a renúncia da competência técnica e o domínio formal de conteúdos, e sim visando à construção de um equilíbrio dinâmico entre todos os aspectos de seu trabalho docente.

É importante destacar que o relacionamento interpessoal é inclusivo e, portanto supera o egocentrismo das pessoas, através do princípio da comunicação que nos leva segundo Morin, (2004, p.126) “a consciência que é a emergência última da qualidade do sujeito”. Esse entendimento do autor nos aproxima da nossa essência, permite nos conhecer melhor, para posteriormente nos aventurarmos nos relacionamentos com os outros.

A mesma linha de reflexão do parágrafo anterior, nos possibilita uma visão que nos dá condições de entender melhor o outro, pelo fato de efetuarmos uma reflexão sobre o significado de sermos humanos, o mundo e nossas crenças. Como humanos possuímos origem e fim idênticos, sabemos a priori que a nossa existência é provisória e limitada, e que iremos nos constituir durante a caminhada, nesse sentido a humildade é necessária para aprender com os outros.

Entender isso é muito importante para o sucesso do relacionamento interpessoal, pois ao aceitarmos a nossa condição de humanos, precisaremos agir de forma coerente e equilibrada, para que as construções em que nos envolvermos sejam éticas, pois conforme Maturana, (1998, p. 72) “Não podemos evitar nossa biologia e, além disso, para que evitá-la se ela nos constitui? O melhor é conhecê-la”.

Na construção do conhecimento, o relacionamento interpessoal é uma competência pedagógica muito importante, constituindo-se no diferencial de todo processo educativo, pois a aproximação com as pessoas se consolida com o entendimento mútuo. É importante lembrar que qualquer construção significativa em que nos envolvemos, não é desenvolvida individualmente, elas só adquirem sentido a partir do envolvimento do outro nesta visão, é preciso resgatar os rascunhos, ou seja:

Também é necessário envolver os alunos e alunas em atividades que busquem ligações com seus passados próximo e remoto, através da compreensão de como se enraíza e é enraizada a construção do conhecimento e o quanto isso pode ser um facilitador da preparação para o futuro (CHASSOT, 2000, p. 95).

Esse envolvimento, bem como qualquer tentativa de compreensão, irá depender muito da sinceridade do professor, que ao demonstrar os seus sentimentos conquista os alunos, possibilitando a identificação mútua e um envolvimento com o processo pedagógico sem ressalvas. Diante desta questão Paulo Freire enfatiza que “as pessoas não são competentes por que são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros, e não individualmente” (1998 p. 31).

Outro ponto importante na construção do relacionamento interpessoal, é que mesmo em situações de conflito e discordância, o professor saiba que “criticar antes de elogiar obstrui a inteligência, leva o jovem a reagir por instinto, como um animal ameaçado” (CURY, 2003, p. 144). Sobre o mesmo tema Antunes, (2003, p. 24), considera importante que o educador tenha absoluta convicção de que “na sua intervenção é imprescindível separar o ato que o desagrada da pessoa que o cometeu”.

Na concepção dos autores citados no parágrafo anterior o relacionamento interpessoal também é uma construção permanente tendo em vista que o ser humano se constitui a partir de seus relacionamentos, que precisam sempre visar a “contribuição do próximo, pela mudança em nós dois” (ANTUNES, 2003, p. 41).

Neste aspecto, um dos primeiros passos no processo do relacionamento entre as pessoas, é o desenvolvimento da empatia, que irá facilitar a aproximação para que as pessoas se conheçam, e posteriormente invistam em uma relação que vise o equilíbrio, através do comprometimento dos envolvidos, que surgiu com a confiança que o ato de se conhecer propicia. Após esta etapa de reconhecimento, estaremos mais aptos para superar os conflitos do relacionamento, onde cada um poderá contribuir para a reflexão e o crescimento mútuo. Frente a este desafio Zaballa sustenta que

é impossível promover determinadas atitudes ou estabelecer um bom clima afetivo se os meninos e meninas não podem se sentir membros, com personalidade própria, de uma comunidade, onde todos se conhecem, professores e alunos, com nomes e sobrenomes (1998, p. 133).

Outra questão a ser destacada, para a construção do relacionamento interpessoal tem a ver com o tipo de saberes que pretendemos desenvolver. Os valores relacionais dos seres humanos são conhecimentos abertos, e por isso os relacionamentos positivos precisam submeter as nossas concepções e posturas a crítica dos outros, como forma de avançarmos na formação de consensos provisórios. Este processo precisa ser indefinidamente retomado, pois propicia que os saberes dos envolvidos se entrelacem proporcionando uma argumentação cada vez mais consistente.

Nesse aspecto a grande contribuição do relacionamento interpessoal para a educação, encontra-se na diversidade de uma sala de aula. É importante destacarmos, que sem a abertura para o entendimento conforme a concepção do outro, é como sonhar sonhos diferentes, pois as pessoas que estão fora do nosso campo relacional, não são por nós identificados. “Por isso a preocupação ética nunca ultrapassa o domínio social no qual ela surge” (MATURANA, 1998, p. 73).

Na construção de um relacionamento interpessoal satisfatório, todos os nossos procedimentos adquirem importância fundamental, não sendo possível classificar quais seriam as etapas mais importantes, porém pode-se afirmar que o diálogo nos compromete, pois conforme Maturana, (1998, p. 76), “o viver humano se faz no conversar”.

Partindo desta visão, ao estabelecermos um diálogo com alguém as nossas construções passam a ser questionadas, ao mesmo tempo em que os nossos saberes deixam de ser permanentes e são ampliados. Essa condição nos habilita para construirmos pontes para o entendimento, que nos levam a avançar e a romper o silêncio, e como consequência possibilita a promoção de mudanças em nossas posturas, pois conversar e dialogar passam a ser entendidas como partes de um mesmo processo de construção das pessoas, nesse sentido é que Cury, (2003, p. 42) enfatiza que “conversar é falar sobre o mundo que nos cerca, dialogar é falar sobre o mundo que somos”.

Nem sempre é fácil iniciar a construção de um diálogo, precisamos transformar o dizer em falar, pois só a partir dessa etapa iremos conseguir construir um consenso para iniciarmos a transformação do falar em um texto, o que permitirá ao aluno se expor e dessa forma dar-se

a conhecer, pois a partir dessa situação, a escrita passa a atuar como facilitadora no processo da construção do relacionamento interpessoal, adquirindo um aspecto de impessoalidade, que de certa forma encoraja o aluno a manifestar suas opiniões.

É importante também ressaltar a necessidade de se ter bem claro, que não é apenas a palavra que comunica, nem mesmo podemos afirmar que ela seja a forma mais eficaz para se construir o relacionamento interpessoal, pois nossos gestos também falam e muitas vezes as mensagens do nosso corpo falam mais do que as palavras. Portanto é necessário que o professor esteja atento, para que a sua postura corporal não impeça ou dificulte a comunicação.

No momento em que nos dispusermos a investir no melhoramento das nossas habilidades relacionais, colocamos em uso uma série de procedimentos, técnicas, posturas e condutas, que acreditamos poderem contribuir para o estabelecimento de uma aproximação com o outro. Pois segundo Maturana, (1998, p.18), não podemos esquecer que o “humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional”.

Nesse sentido, a aproximação conseguida através de um relacionamento interpessoal positivo irá conseguir um objetivo mais amplo e fundamental para o processo de construção de conhecimento, que é a busca do equilíbrio entre as habilidades formais e relacionais do professor, como fator decisivo para o desenvolvimento integral do aluno. Isso permite entendermos que ao interagirmos com os outros, as nossas construções racionais também enfatizem o resultado das emoções envolvidas neste processo de aproximação, pois na verdade, só conquistamos realmente alguém se a emoção nortear os nossos procedimentos e técnicas.

É importante ressaltarmos, que a emoção é fundamental em qualquer aspecto dos nossos relacionamentos, porém no ato educativo, adquire uma dimensão ainda maior, nesse sentido que Cury, (2003, p. 35), é enfático ao afirmar que o professor só irá “causar um impacto enorme no universo emocional e racional dos seus alunos, se fizer uso da criatividade e sinceridade”, pois a intencionalidade de qualquer prática pedagógica, para tornar-se significativa, necessita de uma atuação entusiasmada do professor.

Entendemos que este entusiasmo referido é conseguido a partir da habilidade do professor, em estabelecer um relacionamento interpessoal satisfatório com seus alunos, além de que, todas as demais competências necessárias ao bom desempenho profissional do educador, passam a aflorar com naturalidade, se o clima entre os envolvidos com o processo educativo for acolhedor.

Percebemos que conforme se amplia a nossa visão sobre a complexidade da construção dos conhecimentos, compreendemos que os mesmos não se resumem às disciplinas ou aos procedimentos utilizados pelos professores. Ressalta-se também que a formação dos professores não pode ser sustentada por nenhuma competência específica, enfocada isoladamente, tornando-se fundamental o estabelecimento de ligações entre posturas e conhecimentos divergentes.

Como consequência disso o professor passa a compreender que a construção do relacionamento interpessoal depende do reconhecimento das possibilidades dos outros em contribuir com o nosso crescimento. A partir disso acreditamos que o equilíbrio entre os aspectos

formais e relacionais da prática pedagógica do professor adquire sustentação com um relacionamento interpessoal positivo.

3.6 A importância das relações interpessoais na prática pedagógica do professor.

A importância que está sendo dedicada ao ambiente criado pelo professor em seus diferentes momentos de interação com os alunos evidencia um avanço nas concepções educacionais dos educadores. Mesmo assim, ainda enfrentamos um momento de crise de paradigmas, pois no momento em que a educação do país consegue avanços científicos significativos, não responde a simples interrogações de âmbito relacional, pois as pessoas estão encontrando cada vez mais dificuldades nos relacionamentos com seus semelhantes.

Todo educador precisa estar consciente de que os avanços conseguidos na escola através da racionalidade das disciplinas científicas que ele desenvolve, precisam estar em equilíbrio com as suas habilidades relacionais de sua prática pedagógica. Nesse sentido, o professor competente precisa entender que seus gestos, postura e entonação na voz, facilitam a construção de um processo de aproximação que contribui para a construção de espaços de diálogos, sobre temas comuns aos envolvidos com a construção do conhecimento.

Porém dimensionar qual seria a importância das relações interpessoais, na prática pedagógica do professor, não se constitui em tarefa fácil, mas é possível perceber que quando as pessoas se relacionam de maneira harmônica, suas falas se desenvolvem com naturalidade. É importante que neste momento inicial do processo de dar-se a conhecer, que o professor tome a iniciativa, e supere os primeiros entraves para que o processo de mediação se efetive.

Vale lembrar que para fazer isso o professor precisa estar qualificado pelo investimento constantemente em sua formação. Nesse sentido, aprender a ouvir e a observar a postura do aluno, constitui-se em passos importantes que irão permitir conhecer a sua personalidade, e dessa forma estimular o seu autoconhecimento.

Esse investimento do professor, em sua formação continuada, é o que irá possibilitar entender os gestos dos seus alunos. Neste aspecto, a retração do aluno as suas investidas de aproximação ocorrem muitas vezes devido ao sentimento de inferioridade do mesmo em relação ao seu professor. Sabendo disso é preciso evitar as costumeiras lições de moral, que geralmente possuem o objetivo claro de mostrar o professor, como certo e o aluno como errado, e que as situações adversas do relacionamento interpessoal, são sempre provocadas pelo aluno.

Atitudes dessa natureza acabam se refletindo, no afastamento imediato do aluno, pela adoção de uma postura de desconfiança, em relação a qualquer forma de aproximação do professor. Essa situação em nada contribui para uma possível e necessária mudança na postura radical, que o aluno possa estar adotando.

Neste contexto o aluno passa a ver o seu professor como um competidor, ou alguém que quer ocupar o seu espaço. Esse quadro é enfatizado por Maturana, (1998, p. 69), pelo fato de que “as relações humanas que não se baseiam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, não são relações sociais”.

Portanto se não estivermos atentos para uma necessária democratização das nossas relações pedagógicas, que em nosso entendimento, constituem-se em um fator que facilita o envolvimento do professor com as falas dos alunos, a construção de um relacionamento interpessoal positivo, irá sofrer um grande revés, pois é de fundamental importância que o professor consiga ver o aluno como igual. Nesse sentido, Freire, (1996, p. 97), enfatiza que “a importância do professor aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala”.

A atenção a este tipo de atitude irá valorizar a auto-estima do aluno, que passará a acreditar, que também tem algo para contribuir com o processo relacional que ele participa. Além de que, ao agir dessa forma o professor estará desencorajando qualquer reação negativa dos alunos, e estabelece uma espécie de entendimento mútuo, de que contribuir com o bem estar do outro também nos diz respeito.

Essa visão de proximidade estabelecida através de um relacionamento interpessoal satisfatório demonstra que a contribuição da educação para a humanização das pessoas está diretamente relacionada com a qualidade dos relacionamentos que a escola desenvolve. Portanto, a partir do momento em que pessoas divergem sobre temas comuns, e ao mesmo tempo

realizam esforços para o estabelecimento de consensos, surge o entendimento de que “cada vez que há um encontro, o que nos ocorre depende de nós” (MATURANA, 1998, p. 64).

Neste aspecto relacionar-se bem com as pessoas, reforça as nossas origens comuns de seres humanos. Portanto a prática pedagógica que não tiver este tipo de entendimento não está conseguindo ser coerente, no sentido de contribuir com a formação integral dos alunos. Além disso, uma prática pedagógica que não mantenha o equilíbrio entre seus aspectos formais e relacionais, não irá conseguir resolver os problemas de relacionamentos surgidos entre os alunos provenientes de conceitos e atitudes, que se originaram de origens sociais e culturais distintas.

3.7 O relacionamento interpessoal como fator de humanização da educação

A humanização da educação tem a ver com as atitudes solidárias que desenvolvemos em nossas atividades cotidianas. De certa forma, ao reconhecermos o outro como detentor de saberes, que de alguma maneira poderão contribuir para aproximar as pessoas, estamos desenvolvendo atitudes humanitárias.

Esta visão demonstra que a humanização é uma forma de inclusão, e se efetiva através de uma prática pedagógica do professor que ultrapasse os domínios da racionalidade disciplinar, destinando espaço para os valores das pessoas que nunca foram considerados pela escola.

Este enfoque demonstra que a construção de um relacionamento interpessoal positivo, além de romper com a racionalidade dos currículos das disciplinas escolares, também se constitui em um fator de humanização, pois conforme Morin, (2003, p. 100), na medida em que “soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas”.

Partilhando da mesma visão, Cury, (2003, p. 137), enfatiza que ao valorizarmos as habilidades relacionais e ao “humanizar os nossos relacionamentos com as pessoas, estaremos provocando uma revolução na educação”, além de que, só iremos nos constituir como seres humanos a partir do momento em que “conseguirmos redescobrir o desejo do reconhecimento recíproco, que nos faz desejar a felicidade alheia como parte integrante da nossa” (ASSMANN, 2000, p. 205).

Acreditamos que a humanização da educação só se tornará algo concreto em nossas escolas, se o professor estabelecer um novo olhar sobre algumas de suas práticas excludentes que desenvolve. Essas ações, desenvolvidas consciente ou inconscientemente ocorrem, por falta de uma reflexão constante sobre a nossa atuação como educadores com relação aos diferentes contextos em que elas se desenvolvem. A partir disso, abre-se a possibilidade para a construção de espaços para conversas, pois um relacionamento interpessoal satisfatório torna

possível, que o diálogo ocorra na “mesma língua”, pois é preciso fazer uso da mesma linguagem, caso desejarmos ser entendidos.

É importante ressaltar que a humanização da educação tem a ver com a qualidade das nossas ações pedagógicas, e qualidade na educação não se desenvolve sem o equilíbrio entre os aspectos formais e relacionais do conhecimento, tendo em vista que só uma educação de qualidade visa à formação integral do ser humano e conseqüentemente a sua humanização.

Dito de uma outra forma, nossos relacionamentos, nossa atuação na escola, bem como a construção de conhecimentos, precisam ser traduzidos na melhoria da qualidade de vida, de todos os envolvidos com o processo educacional. Portanto, melhorar a qualidade de vida precisa significar pessoas mais felizes, fator que por sua vez também possui ligação com a inclusão de valores sociais para tantas crianças, para as quais hoje nossas práticas pedagógicas não fazem sentido.

Este olhar que demonstra uma maior preocupação com os problemas das pessoas, e que a educação está destinando as ações pedagógicas que se desenvolvem na escola, não pode ser confundido com paternalismo e licenciosidade do professor. Pelo contrário, esta visão inclusiva aumenta a responsabilidade do educador para equilibrar suas ações pedagógicas, evitando atitudes parciais em alguns aspectos de sua prática. É necessário que os limites existam, mas que sejam construídos com os envolvidos no processo, pois conforme enfatiza Chailita, (2001, p. 146), uma educação humanizadora, só será concretizada se “os limites entre os envolvidos necessariamente forem estabelecidos com diálogo, com afeto”.

É importante destacar que a educação não pode estar ancorada apenas na racionalidade dos conhecimentos produzidos pela escola. Ao enfocarmos a necessidade de que também seja investido na construção das habilidades relacionais, questiona-se fortemente a racionalidade como forma absoluta de conhecimento, que também é fundamental na construção dos saberes escolares, mas não é apenas nela que este se encontra, pois “admitir que a vida da humanidade possa ser dirigida pela razão é negar toda possibilidade de vida” (TOLSTOI, 1983, p. 533).

Sob este contexto, consegue-se entender a necessidade de que os avanços científicos passem a considerar o bem estar das pessoas, pois a ciência descobriu através da biologia que “quanto mais inferior é a vida de um animal menos dependente ele é de seus progenitores” (CURY, 2003, p. 22).

Ressalta-se também, que de acordo com essa mesma visão de análise e reflexão, é inegável que realizamos um investimento muito grande, ao olharmos para dentro de nós, pois essa é uma tarefa difícil, e só pode ser conseguida a partir do momento que a nossa prática pedagógica atinja o equilíbrio entre os saberes da racionalidade com nossos valores éticos e morais.

É de fundamental importância destacar que somente a partir do momento em que o professor conseguir alterar a sua postura em relação aos pensamentos divergentes das pessoas, é que estaremos em condições de contribuir, com a construção de pessoas mais comprometidas com os outros, o que hoje ainda é uma utopia na maioria de nossas escolas. Pois de acordo com Rios, (2002, p. 139), que pergunta e ela mesma responde. “Para que serve a utopia? Serve para isso para caminhar”. Pois os sonhos alimentam a nossa vida e Cury, (2004, p. 22),

novamente enfatiza; “os que desprezam os pequenos acontecimentos nunca farão grandes descobertas”.

Essas são algumas características que precisam se fazer presentes em nossas posturas profissionais, para nos tornarmos mais humanos e solidários. Atitudes dessa natureza irão possibilitar que as escolas consigam, “formar uma consciência capaz de enfrentar as complexidades” (MORIN, 2004, p. 77).

Essa transformação passa necessariamente por uma maior valorização e investimento no relacionamento interpessoal nas escolas, sendo que este tipo de procedimento transcende qualquer listagem de competências dos professores por mais ampla que ela seja.

Nesse aspecto, este texto reconhece a necessidade e a importância fundamental das competências para atuarmos como educadores, mas não resume o ato educativo a algo previsível e definitivo, além de reconhecer o outro no processo de construção do conhecimento, enfatiza a necessidade de que a prática pedagógica dos professores seja norteadada pelo equilíbrio entre suas habilidades formais e relacionais, visando à formação integral do aluno.

4 METODOLOGIA – COMO CONSTRUIR O QUE DESEJAMOS

Este trabalho de pesquisa originou-se durante a trajetória de um educador preocupado em desenvolver uma prática pedagógica que contemplasse as necessidades dos estudantes. Nesse sentido, os dois primeiros capítulos já apresentam alguns questionamentos que originaram o trabalho a ser desenvolvido. O terceiro capítulo nos fornece subsídios teóricos que enfatizam a importância que as competências exercem na formação do professor, bem como na construção do conhecimento, que como consequência provoca alterações nas práticas pedagógicas dos educadores.

Desenvolvemos neste capítulo, o caminho metodológico de como esta pesquisa foi executada, desde os problemas que a originaram, bem como os sujeitos envolvidos, os objetivos propostos à coleta e a análise dos dados conseguidos.

4.1 O contexto da pesquisa e os sujeitos envolvidos

Ao tentar ouvir os alunos utilizamos uma abordagem metodológica sociointeracionista, pelo fato de que às concepções educacionais que derivam desta teoria, valorizar os saberes e o entendimento das pessoas em seus diferentes contextos de vida.

É importante salientar que cada área de estudo possui as suas características, inerentes às disciplinas que a constituem. Nesse sentido o aprendizado de química sempre esteve cercado por dificuldades inerentes a área de ciências. Os próprios professores das outras áreas do conhecimento demonstram uma espécie de desconfiança de que alguém consiga ter sucesso, ao trabalhar com conteúdos tão complexos.

Atitudes idênticas também são verificadas na área de comunicação e expressão, com a disciplina de português. Portanto, a valorização de determinadas disciplinas em detrimento de outras, é induzida pelos próprios professores, dessa forma não pode constituir-se em surpresa, quando os alunos também elegerem as suas disciplinas favoritas.

A tarefa educativa exige do professor um conjunto de conhecimentos e posturas ligadas ao ofício de educador, pois o professor competente, como já referimos, precisa saber lidar com situações imprevistas e agir na incerteza, sempre encontrando uma forma para desenvolver através dos conteúdos de sua disciplina, os valores com as quais as pessoas pretendem efetivar os seus projetos pessoais.

A partir dos relatos desenvolvidos pelos alunos pretendemos adquirir um melhor entendimento das realidades dos estudantes, com o objetivo de aproximar a atuação do professor as suas necessidades. Este processo visa também a demonstrar que ao valorizar os saberes dos seus alunos, o professor necessariamente precisará refletir sobre as suas concepções educacionais para poder produzir alterações em seu trabalho pedagógico.

Os dados empíricos analisados no texto foram extraídos das realidades de 03 turmas de alunos do 3º ano do ensino médio, num total de 25 entrevistas que se originaram de estudantes com contextos diversificados, distribuídos em turmas do interior e da cidade e que também estudam em turnos distintos, duas turmas de dia e uma à noite.

4.2 A origem da pesquisa e a coleta de dados

O contexto da escola passou a apresentar alguns aspectos aparentemente contraditórios, na medida em que professores com formação não estavam obtendo resultados significativos no que diz respeito à aprendizagem dos alunos, em relação a professores que ainda estavam freqüentando suas respectivas graduações e já atuavam como professores na escola.

Portanto nos propomos a investigar o quanto as dificuldades dos professores em estabelecer relações interpessoais com os seus alunos prejudica a reflexão sobre a sua prática pe-

dagógica, pois de acordo com Morin, (2003, p. 97), “a incompreensão de si é fonte muito importante da incompreensão do outro. Mascaram-se as próprias carências e fraquezas, o que nos torna implacáveis com as carências e fraquezas dos outros”.

Neste sentido consideramos importante desenvolver uma investigação sobre a qualidade da prática pedagógica dos professores, a partir do momento em que ele se torna mais receptivo e aberto aos saberes dos alunos, através do desenvolvimento de procedimentos que aproximem mais o professor do aluno, possibilitando uma espécie de sintonia, com a criação de um clima agradável na sala de aula.

Como forma de tentar entender esta situação surgiu este trabalho de pesquisa, que se propôs analisar quais as características dos professores que conseguiam interagir com os alunos, de forma que a turma viesse a apresentar resultados satisfatórios, no que diz respeito à aprendizagem formal e também com relação aos valores como pessoas inseridas em uma sociedade.

Em síntese o trabalho procura descobrir o que realmente é necessário para nos tornarmos professores, e nesse sentido na tentativa de oferecer algum subsídio que nos ajudasse a refletir sobre as dificuldades enfrentadas no processo educativo passamos a ouvir os alunos, para posteriormente efetuar uma análise que pudesse servir como indicativo de que algumas posturas e procedimentos do professor contribuem de forma significativa para a aprendizagem, como também para a sua aceitação pelos alunos.

Foi com esta realidade contextual, que os alunos foram informados sobre as finalidades deste trabalho de pesquisa, bem como da importância de suas participações que ocorreram em forma de relatos textuais. Nesse sentido todos os participantes do trabalho receberam uma folha com um pequeno texto introdutório que continha as informações com relação aos procedimentos a serem adotados para desenvolverem seus relatórios.

Dentre estas informações constavam os objetivos do trabalho, além de destacar a importância do comprometimento do aluno com o texto a ser produzido, no sentido de que os sujeitos da pesquisa se envolvessem com o trabalho para produzir relatórios isentos de possíveis preconceitos, para que dessa forma os dados obtidos pudessem vir a se constituir em fontes dignas e dessa maneira poderem contribuir de forma significativa, com os problemas que o trabalho de pesquisa estava se propondo a investigar.

Frente a este desafio, solicitava-se que o aluno desenvolvesse uma reflexão de forma ampla considerando todas as situações que ocorreram durante as intervenções do professor, analisando questões como: postura do professor ou professora, o que fez este educador ou educadora, para que determinadas situações de aprendizagens fossem escolhidas como as melhores ou a que mais te marcou; técnicas utilizadas, colaboração da turma, formas de relacionamento, domínio dos conteúdos. Enfim, todos os aspectos que pudessem ser destacados e que facilitaram a sua aprendizagem.

4.3-Como foram analisados os dados obtidos

A metodologia de análise das falas dos alunos foi executada através da análise textual, onde se procurou encontrar nas falas dos estudantes, os entendimentos que nortearam a produção do seu texto, bem como a qualidade das suas argumentações, ou seja, procuramos valorizar o entendimento do aluno dentro de um contexto favorável à manifestação de seus conhecimentos, tentando detectar os possíveis problemas que estavam dificultando o desenvolvimento de determinadas disciplinas pelos professores e o seu conseqüente acompanhamento por parte dos alunos.

Nesse aspecto, se procurou analisar o que mais foi considerado pelos alunos como importante e que poderia fornecer alguns indicativos que nos conduzissem na direção do encaminhamento para possíveis soluções ao problema que o trabalho de pesquisa se dispôs a investigar.

Nesse sentido, consideramos importante ressaltar que nos textos produzidos pelos alunos conforme delineamos no parágrafo anterior, não se buscou a construção de possíveis listas com algumas atitudes positivas ou negativas dos professores. O que se valorizou nas produções escritas dos alunos foi à construção de textos coerentes que demonstrassem não só o entendimento dos mesmos a respeito dos problemas de aprendizagens da turma, bem como o seu comprometimento com a alteração de possíveis quadros desfavoráveis, tendo em vista ser o processo educacional o resultado de constantes buscas e adaptações, onde todos os envolvidos possuem sua parcela de contribuição.

Considero importante destacar que o trabalho possui dois capítulos destinados basicamente à análise das falas dos alunos, sendo que o último capítulo dá continuidade às reflexões do capítulo anterior. Portanto os dois capítulos são complementares e suas análises dão origem a algumas reflexões que se qualificam para o enfrentamento do problema de pesquisa.

Os textos produzidos pelos alunos estão distribuídos no decorrer destes dois capítulos de análises. Optamos por utilizar desta forma os dados empíricos do trabalho para desenvolver um texto que procurasse equilibrar as análises desenvolvidas com o imediato contraponto oferecido pelo entendimento dos sujeitos da pesquisa, como se estivéssemos em meio a uma conversa.

Esta espécie de diálogo desenvolvido com o texto de forma constante e sucessiva possibilitou deixar mais claro o entendimento dos alunos a respeito dos temas norteadores da pesquisa, e nesse sentido é que a maioria dos estudantes teve as suas falas contempladas no decorrer do trabalho, não pela necessidade de atendê-los, mas sim pela qualidade de suas contribuições. Vale lembrar que colocamos no final do trabalho em anexo, relatos que mostram alguns textos desenvolvidos pelos alunos em sua íntegra, onde podem ser observadas muitas das citações as quais fizemos referência no decorrer deste trabalho de pesquisa.

Como os entendimentos dos alunos constituem o campo empírico deste trabalho, as análises das mesmas serão desenvolvidas intercalando-se com as contribuições teóricas de educadores consagrados, com o objetivo de construirmos uma argumentação consistente que justifique o desenvolvimento bem como a relevância desta pesquisa, tendo em vista que as complexidades do processo educativo exigem que o educador transcenda os limites de suas

formações específicas, com a finalidade de ajudar na construção de pessoas que valorizem as idéias e os procedimentos divergentes e dessa forma humanizar os seus conhecimentos e produzir intervenção na sociedade.

Os alunos ressaltam que além de dominar os conteúdos das disciplinas com as quais trabalha, o professor precisa saber criar um clima favorável com a turma, onde o afeto, dedicação e o incentivo, poderão vir a se constituir em fatores que irão transformar o educador, em uma espécie de líder frente aos seus alunos e também na sociedade.

Portanto o capítulo cinco consiste basicamente na tentativa de definir quais as características fundamentais para que o professor consiga enfrentar de maneira satisfatória uma turma de alunos e conseguir resultados significativos, equilibrando os aspectos formais e relacionais da sua prática pedagógica.

O capítulo seis continua esta análise onde pretendemos responder a questão inicial proposta por este trabalho de pesquisa, que entende ser a partir de um equilíbrio dinâmico entre o racional e o emocional que o professor habilita-se a desenvolver uma prática pedagógica que consiga enfrentar as incertezas do processo de construção do conhecimento.

Além disso, o conjunto de textos nos instiga a perceber o ato educativo como algo prazeroso, e também como possibilidade de intervenção social, e especificamente neste aspecto é que Paulo Freire afirmava que “não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que formando-se de uma certa maneira constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam” (2002.pg. 173). Neste sentido é que se torna importante ou-

vir os outros se tivermos como objetivo a construção de projetos que contemplem interesses divergentes.

5 O QUE NOS APRESENTA O ENTENDIMENTO DOS ALUNOS?

Este texto se propõe a provocar uma reflexão sobre quais as características indispensáveis para o professor obter êxito frente a uma turma de alunos com contextos distintos, enfatizando a importância da dedicação do professor em seu trabalho pedagógico, como forma de melhorar a sua competência profissional.

Além disso, também traz dados empíricos que sustentam reflexões de que é somente gostando do que faz que o educador possa sentir-se bem em sua profissão, mostrando que estes fatores poderão ser capazes de possibilitar um avanço nas construções de relacionamentos interpessoais satisfatórios, pelo fato de equilibrar os aspectos formais e os relacionais da prática pedagógica do professor.

Conforme as declarações dos estudantes, sentir-se bem em uma determinada aula aumenta as possibilidades de que o professor venha a obter a cooperação da turma no desenvolvimento das tarefas propostas, fator que melhora significativamente as suas possibilidades

êxito. Um aluno, ao falar sobre a postura do seu professor é enfático: “meu professor é parceiro, valoriza o aluno e dispensa a todos um tratamento especial. Em suas aulas a gente nem percebe o tempo passar” (7.8).

As reflexões que este texto produz, são ancoradas em subsídios que destinam uma atenção especial, as posturas do educador frente aos seus alunos, no sentido de que, tão importante quanto o rigor científico das disciplinas específicas desenvolvidas pelo professor, se considere a necessidade do equilíbrio com as suas habilidades relacionais, equilíbrio este que precisará ser contemplado através de um processo de formação permanente.

Frente a esse desafio, acreditamos que a partir de uma prática pedagógica equilibrada e coerente do professor, a educação de uma maneira geral poderá através da escola construir conhecimentos que irão contribuir para o desenvolvimento de pessoas, com capacidade de intervenção na sociedade.

5.1 A dedicação e o gostar de ser professor - A importância do primeiro contato com os alunos

Tentaremos apresentar algumas reflexões, oriundas dos principais aspectos enfatizados pelos alunos, no que diz respeito ao primeiro contato do educador com os estudantes. Frente a este desafio, ressaltamos como sendo de fundamental importância para o estabelecimento de um clima favorável à prática educativa, o fato de que o professor esteja desenvolvendo um trabalho no qual se sinta bem em realizá-lo.

Neste aspecto, enfatizamos que para o êxito de qualquer atitude de aproximação com seus alunos, acreditamos ser indispensável, que o professor goste do que faz, pois “não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem” (FREIRE, 1996, p. 67). Isso enfatiza que uma das características do educador competente está em fazer bem feito o seu trabalho, tarefa que requer uma constante auto-avaliação, possibilitando reflexões constantes sobre a sua prática, e dessa forma manter o equilíbrio entre suas habilidades relacionais e formais.

È importante ressaltar, que em suas falas os alunos destinam grande importância ao relacionamento interpessoal, que o professor desenvolve no cotidiano escolar, que segundo eles contribui de maneira significativa para que seja construído entre os envolvidos, um ambiente onde os saberes dos alunos, estejam contemplados nos procedimentos pedagógicos dos professores.

A dedicação do educador ao seu trabalho é proporcional a satisfação que ele sente ao realizá-lo. Neste aspecto a atenção e o tratamento dispensado aos alunos pelo professor, passam a se constituir em um diferencial de sua prática pedagógica, pois as afirmações dadas pelas alunas, “minha professora tem sempre um belo sorriso no rosto, além de que seu jeito de falar e a sua fisionomia agradável facilitam a aproximação com os alunos”, (25.4), ou ainda “a paciência é uma das principais virtudes que um professor deve ter”, (7.4) são indícios, que deixam transparecer as características da postura de uma educadora que está conseguindo ser bem vista pelos alunos.

Conforme declaração de um aluno se percebe que o professor gosta do que faz, pela maneira que ele administra, diversas situações incômodas e repetitivas do cotidiano de uma aula, o qual exige constantemente grande disponibilidade e paciência, para explicar repetidas vezes um mesmo conteúdo, “minha professora é calma, querida e está sempre disposta a explicar o conteúdo” (14.9).

Essas declarações demonstram o quanto os alunos se mantêm atentos às atitudes de seus professores, que de alguma maneira demonstram preocupação com as suas dificuldades, pois o fato de um aluno afirmar que o seu professor ou professora lhe dispensa atenção ou que

“a sua alegria contribui para que as aulas sejam mais gostosas e criativas”, (23.5), evidencia a existência de um sentimento de simpatia e reconhecimento pelo seu trabalho.

Esses dados empíricos nos levam a concluir que o ser humano não consegue realizar com entusiasmo, naturalidade e de maneira satisfatória, uma variedade de ações distintas como requer a tarefa educativa, sem desenvolver uma espécie de cumplicidade com os envolvidos. Atitudes desta natureza só podem ser desenvolvidas de maneira satisfatória por pessoas que gostam do que fazem, “pois qualquer trabalho tem de ser prazeroso, tem de ser um desafio constante, tem de ser um misto de grande responsabilidade e enorme entusiasmo” (CHALITA, 2003, p. 117).

Uma outra relevante questão, que se originou das observações dos estudantes, ressalta que o professor comprometido demonstra preocupação com a formação integral do seu aluno, “minha professora é bastante humilde e admite o seu erro e aceita a correção, (8.10)” essa educadora tem consciência de suas limitações, “meu professor é um educador insatisfeito, está sempre tentando aprender”. (24.9). Vale lembrar que, “onde há vida, há inacabamento, mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 1996, p. 50).

A preocupação com a formação integral do aluno pode ser percebida no educador, mesmo em procedimentos simples, que ressaltam a possibilidade de olhares diferentes sobre o mesmo tema em estudo, pois conforme Zaballa, “a educação voltada para a formação integral da pessoa, implica em uma tomada de posição em relação às finalidades do ensino, levando a mudanças fundamentais, especialmente nos conteúdos e no sentido da avaliação” (1998 p. 198).

È nesse momento, “que se faz necessário compreender o que não foi escrito”, pois a prática pedagógica do professor precisa transcender os estreitos limites dos conteúdos disciplinares, e o mesmo autor enfatiza que “é preciso que o professor avance no conhecimento das aprendizagens de conteúdos atitudinais e para isso é necessária uma observação sistemática de opiniões e das atuações nas atividades do grupo dentro e fora da sala de aula” (ZABALLA, 1998, p. 209).

Essa mudança de atitude do educador, gradativamente irá produzir modificações de comportamento e atitudes no grupo de alunos, que deixarão de aceitar de forma passiva, que o seu professor delimite o aprendizado da turma a determinados livros, “gosto da minha professora, pois ela nunca fica restrita a textos e questões copiadas de um mesmo livro” (8.3).

É muito importante destacar que o professor precisa ter consciência, de que este trabalho inicial de aproximação com o aluno, o “abrir a guarda” e permitir a aproximação do aluno é uma tarefa de sua responsabilidade, ou seja, o professor precisa dar o primeiro passo, pois conforme Meirieu “sou eu que devo empreender esse trabalho sobre o meu ensino, sou eu que devo deixar-me atingir, tocar, questionar permanentemente pelo olhar do outro” (2002, p, 79). O autor ressalta também, a importância do professor estar atento aos gestos e atitudes de seus alunos “pois caso o educador não estiver atento aos seus rostos, ele os condenará irremediavelmente à exclusão” (MEIRIEU, 2002, p. 84).

Essa função preliminar, de identificação do ambiente propício ao desenvolvimento das atividades pedagógicas cabe ao professor realizá-lo, pelo fato de ser ele quem conduz o processo pedagógico, pois o aluno muitas vezes possui reservas e dificuldades em expressar seus

sentimentos, devido a preconceitos construídos pela sociedade que tendem a se manifestarem também na escola, que por sua vez, nem sempre dispensa a devida importância com relação ao lado afetivo da educação, tendo em vista que “vivemos em uma cultura que desvaloriza as emoções em função de uma supervalorização da razão” (MATURANA, 2002, p. 92).

Frente a este desafio, é importante lembrar que por maior que seja a resistência de uma determinada turma de alunos, a sinceridade e a iniciativa do professor em estabelecer uma relação de amizade e cortesia, aliado a uma prática pedagógica que contemple a intervenção dos alunos, possibilita o estabelecimento de um clima favorável ao processo educativo, com a construção de acordos consensuais que preparem o grupo, para a o desenvolvimento de uma política de convivência satisfatória. “O professor precisa perceber que por trás de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há sempre uma criança que precisa de afeto” (CURY, 2003, p. 97).

Esse contexto evidencia que todo sucesso do projeto pedagógico do professor irá depender do envolvimento emocional desenvolvido com a turma, tendo em vista que o primeiro contato dos alunos com o professor ser de observação e análise, para que posteriormente se estabeleça a base comum e consensual do relacionamento. Este momento se destaca pela importância que a emoção exerce na construção do relacionamento interpessoal, pois “as mesmas palavras pronunciadas com sentimento agem sobre nós de maneira diferente que as pronunciadas sem vida” (VIGOTSKI, 2003, p. 117).

As análises dos dados empíricos do trabalho ganham sustentação, através de teóricos importantes, pelo fato de que a diversidade de situações em que o professor enfrenta no coti-

diano de uma simples aula exige que o rol de competências, que embasou a sua formação acadêmica desenvolvesse em equilíbrio, tanto a racionalidade dos conteúdos específicos, como as suas habilidades relacionais.

Uma formação acadêmica que equilibra estes dois aspectos da prática pedagógica do professor permite que ele enfrente situações, que apenas a lógica disciplinar não responde de maneira satisfatória. Frente a desafios dessa complexidade, o professor precisará agir na incerteza, e assumir uma atitude de humildade surpreendendo a turma, pois de acordo com Hillebrand “reconhecer as próprias limitações é condição essencial para empreender qualquer ação com vistas ao crescimento pessoal ou profissional” (2000 p. 189). Nesse sentido ao agir dessa maneira, o educador abre espaço para a inclusão dos saberes do aluno.

Portanto, vencer a formalidade das aulas, e destacar a importância da historicidade de cada um constituem-se, na pedra de toque para a aceitação do professor, e o conseqüente reconhecimento pela turma, pois na verdade “o que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam” (RESTREPO, 1998, p. 18).

As participações dos alunos enfatizaram que qualquer tentativa de aproximação do professor com a turma precisa sempre se iniciar com demonstrações de respeito e companheirismo pelos alunos, sendo que essas atitudes geralmente levam o professor a tornar-se uma espécie de conselheiro, devido à confiança adquirida pelo grupo.

Estabelecida esta confiança no professor, torna-se uma atitude natural que os alunos passem a procurá-lo, em seus momentos de dúvidas e dificuldades, que nem sempre se restringem aos problemas de aprendizagem de sua disciplina, pois conforme declarações de uma aluna;

Sua forma de agir com o aluno é um diferencial para a aprendizagem, além de ser alegre e educada fora da sala de aula também, sempre quer saber como estamos indo, em casa, no emprego, quais as nossas dificuldades, a gente percebe que e ela se preocupa com cada um de verdade, ela é mais que professora é uma amiga (12.4).

Neste contexto de análise, podemos sustentar que a partir do momento em que se atinge esse nível de comprometimento entre professor e aluno, é difícil afirmar se o professor gosta do que faz, pelo trabalho que desenvolve, ou se o trabalho é desenvolvido dessa forma pelo fato do professor gostar do que faz. Um aluno contribui com esta reflexão, ao destacar o trabalho de sua professora, “A gente sente que ela realiza com prazer o seu trabalho, por isso é uma pessoa feliz” (25.5).

O gostar do que faz, é uma característica das pessoas felizes. O professor só poderá realizar com prazer a sua prática docente, se estiver equilibrado em todos os aspectos de sua vida. Isso nos remete novamente a reflexão anterior, sobre a importância de um relacionamento interpessoal como forma de desenvolver atitudes solidárias entre as pessoas, que contribuirão para a humanização do conhecimento, pois os seres humanos possuem origens comuns, neste sentido “que minha longa experiência dos homens simples, das crianças e dos animais persuadiu-me de que as leis da vida são gerais, naturais e válidas para todos os seres” (FREINET, 2004, p. 1).

Portanto, é natural que os seres humanos reajam de acordo com o clima que os envolve, e nesse aspecto, é que um ambiente favorável em sala de aula pode se constituir no diferencial do processo pedagógico. Assim é possível afirmar, que o bom professor tem como característica principal, agir de forma equilibrada frente a enorme diversidade de interesses que o processo educativo nos possibilita.

Defendemos que esta forma de agir possui relação com a atitude do professor frente as suas dificuldades, neste aspecto percebe-se que as pessoas que gostam de sua profissão encontram mais motivação, conseguindo manter uma sintonia entre todas as suas competências profissionais, o que lhes permite mais subsídios para enfrentar situações imprevistas.

Além disso, as características do professor poderão vencer os preconceitos dos alunos com relação a sua disciplina, se o enfoque inicial não for exatamente sobre as partes mais formais dos conteúdos, aspecto que geralmente os alunos temem e possuem mais dificuldades. Também merece destaque, o fato de que o professor ao demonstrar preocupação com o ensino de uma maneira mais ampla, deixa claro que o aprendizado de uma disciplina específica se encaixa dentro de um panorama educacional que transcende os limites disciplinares.

5.2 O bom professor na visão do aluno

Ao procurar saber o que os alunos acreditam ser importante na prática pedagógica de um bom professor, a análise dos aspectos formais e relacionais de sua atuação docente torna-se ainda mais relevante. Diante desta questão, é importante esclarecer que no momento em que o aluno estiver se manifestando a respeito de seu professor, para que as suas considerações agreguem valor ao texto, elas precisam estar isentas de qualquer tipo de parcialidade, ou seja, precisam considerar a atuação do professor em questão, frente aos mais distintos momentos de sua prática pedagógica.

Esse cuidado se justifica, a partir do momento em que o aluno se limita a expressar um julgamento de valor a respeito da atuação do seu professor, levando em consideração apenas os seus resultados individuais em sua disciplina, e dessa forma deixe de identificar características importantes de sua prática, em função de seus maus resultados individuais. Pois de acordo com Freire; “O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente não tem por que contra ele ou contra ela nutrir raiva desmedida, bem maior às vezes, do que a razão mesma da discordância” (1996 p. 35).

O ser humano está constantemente emitindo pareceres, julgamento e fazendo avaliações das pessoas, com as quais estabelecem algum tipo de relacionamento, portanto é natural que os alunos também formem um juízo de valor com relação aos procedimentos adotados pelos seus professores, bem como as características que mais contribuem para o desempenho de suas funções docentes.

É neste sentido, que a presença em sala de aula de um professor com características aglutinadoras, independentemente da disciplina a ser trabalhada, consegue construir uma identificação significativa com a turma, o que leva muitos alunos a modificarem seus conceitos sobre determinadas disciplinas, devido ao clima amistoso estabelecido, pois conforme Hillebrand 2000, p.321. “O carinho e o afeto da professora conquistam a confiança do aluno na professora, trazendo como benefício adicional um melhor rendimento escolar”.

Os alunos valorizam muito, o sentimento de segurança que sentem em relação ao seu professor, por isso é imprescindível que ele saiba como evitar que as aulas tornem-se monótonas e cansativas, demonstrando criatividade e paciência para ouvir os alunos e dessa forma descobrir o que os motiva, “o meu professor sempre melhora o diálogo com o aluno, para procurar saber o que ele acha da matéria e o que poderia ser mudado e quais as dificuldades que ele encontra” (23.8).

Essa característica do professor também nos revela um modelo de ser humano, pois o aluno vê em seu mestre, uma pessoa pela qual ele sente admiração e respeito, servindo-lhe de inspiração e exemplo. Isso enfatiza que as características positivas, identificadas pelo aluno em seu professor, transcendem a sua atuação na escola, sendo também importantes para se viver na sociedade. “Meu professor ensina com o exemplo, sabe se expressar utilizando palavras adequadas ao momento, se veste sabendo que é um educador e que é nele que muitos de nós alunos irão se espelhar” (24,1).

Essa admiração, que a conduta do educador provoca no aluno, facilita a construção de um relacionamento interpessoal, e são conseguidas em posicionamentos do professor que re-

velem bom senso. As decisões coerentes e equilibradas do professor fazem com que os alunos, passem a vê-lo como um amigo, o que propicia a criação de espaços de diálogos, que quebram o gelo da formalidade, fazendo com que a competência e “a maturidade de uma pessoa, seja revelada pela forma inteligente com que ela corrige alguém” (CURY, 2003, p. 95).

É de fundamental importância também ressaltar, que quando o professor conquista a sua turma, sempre é possível dar um passo adiante, porém o contrário também é verdadeiro, quando não se estabelece uma boa relação, as melhores práticas não sensibilizam a turma. Neste aspecto é que Freinet declara:

Se o professor conseguir transformar assim o clima de sua aula, se ele deixar desabrochar a atividade livre, se souber dar um pouco de calor no coração, como um raio de sol que desperta a confiança e a esperança, ele ultrapassará a corvêia de soldado e o seu trabalho renderá cem por cento. (2004, p. 24).

Vale lembrar também, que Freire com um enfoque semelhante destaca o relevante papel da emoção na conquista dos alunos, lembrando que “torna-se de fundamental importância que o professor aprenda a reconhecer o lugar e a relevância da emocionalidade” (2001 p. 188).

Esta visão, que concede um lugar de destaque as emoções na tarefa educativa, irá tornar possível que o aluno veja o seu professor como ser humano. É importante ressaltar que ao trabalhar com as emoções, também expomos as nossas limitações, e assim tornamos possível que o aluno nos veja como um deles, ou seja, diminuimos as diferenças e estabelecemos vínculos que resultarão em comprometimento e conhecimento mútuo, “pois se o conhecimento

leva a alguma parte, é ao entendimento, à compreensão, e isto leva a uma ação harmônica e ajustada com os outros e o meio” (MATURANA, 2002, p. 55).

O estabelecimento dessa empatia é o que irá possibilitar ao aluno afirmar que o seu professor “é alegre, e de respeito também fora da sala de aula”, (23.3). Isso significa que o vínculo construído possibilitou o estabelecimento de uma relação entre pessoas, dando um sentido social, ao ato educativo, ainda sobre esse enfoque Weil e Tompakow enfatizam, “o que se deseja é que as pessoas sintam pessoalmente o prazer de descobrir como a intensidade do relacionamento humano cresce quando a gente se entende cada vez melhor” (1981 p. 211).

É de fundamental importância destacar, que em nenhum momento os alunos deixaram de mencionar a importância do conhecimento formal do professor, o que demonstra a maturidade de suas análises, porém eles acrescentam a este aspecto a capacidade de relacionamento do professor, como forma de construir um conhecimento mais coerente.

As participações dos alunos neste texto estão mostrando que eles procuram sempre ver em seu professor, alguém que seja sinônimo de bons exemplos, que possa ser uma espécie de referência, pois conforme Moraes “Os grandes mestres em quem nos orientamos sempre apresentaram propostas claras e deixaram transparecer, através do seu trabalho, as suas convicções” (MORAES, 1991, p. 213).

Neste sentido, quando o aluno afirma com entusiasmo, que o seu professor saberia como agir com equilíbrio e coerência, frente a uma determinada situação, deixa transparecer que as atitudes e orientações seguras do seu professor serão úteis para toda a vida. Os estudan-

tes ligaram as características do professor ideal, ao ambiente gostoso construído na sala de aula, resultado de um investimento no relacionamento interpessoal sendo que o diálogo possui um papel fundamental.

5.3-A reflexão e o diálogo na prática do educador

A tarefa de refletir sobre a prática é um indicativo de crescimento do professor, pelo fato de revelar a sua concepção, sobre temas como: a construção do conhecimento, formação profissional, prática pedagógica, e a necessidade de aperfeiçoamento constante. Para tanto, se faz necessário um investimento significativo por parte dos envolvidos, no diálogo e em todas as demais formas de entendimento, como condição para se atingir o equilíbrio da prática pedagógica do professor em seus aspectos formais e relacionais.

Ao refletir sobre o cotidiano de sua sala de aula, o professor demonstra ter adquirido a consciência da provisoriedade de seus saberes. Além disso, a reflexão sobre a prática, possibilita a inclusão de saberes dos envolvidos com o processo educativo, fazendo com que a sua ação docente venha a se constituir em ferramenta indispensável para o seu crescimento profissional.

Esta visão demonstra que este processo reflexivo necessita ser realizado de forma constante, pelo fato de que possibilita ao professor partir de um conhecimento inicial comum ao grupo, para posteriormente ir transformando-o em um saber mais elaborado, neste sentido que Marques propõe uma revisão sobre o conceito de conhecimento, “em que o senso comum se torna ciência pela argumentação de uma comunidade de interessados nas questões em pauta e a ciência retorna ao leito do senso comum” (MARQUES, 2002. 89).

É importante ressaltar, que a concepção educacional que valoriza o conhecimento das pessoas e a sua historicidade compreendendo a educação como possibilidade, reconhece em Paulo Freire um de seus principais expoentes, principalmente por que o autor concebe a atuação do professor ligada a uma ação política, que impede a sua neutralidade no processo educativo, pois conforme o autor “mais importante de que ensinar a ler através da leitura das palavras, deve-ser primeiramente ler o mundo no qual tais palavras existem” (2001 p. 56).

Nesse sentido, é que o diálogo entre os envolvidos com o processo educacional adquire uma importância fundamental, sendo que o aluno também valoriza esta possibilidade de interação, “minha professora sempre se mostrou simpática e aberta ao diálogo”, (24.4) ou ainda “faz a gente se sentir à vontade para perguntar e dar opiniões” (3.8).

Essas afirmações mostram que a abertura do professor ao diálogo com a turma, é entendida pelos alunos, como uma atitude de valorização, pois ao se disponibilizar em ouvi-los, o professor demonstra que compreende o conhecimento como construção, e que a sua prática pedagógica está aberta a novos saberes, que venham a produzir significados e possibilidades de intervenção para os envolvidos no processo educativo, pois de acordo com Freire, “o ato de

saber é uma ação reflexiva; o ato toma a forma de uma ação transformadora sobre o mundo e através dele, não uma acomodação ao mundo” (1998 p. 42).

Essa reflexão defendida abre possibilidades de intervenção, em práticas pedagógicas fechadas, que gradativamente irão sendo minadas, devido a uma participação cada vez mais efetiva dos saberes dos alunos. Diante desta nova realidade, o professor deixa de ser o detentor absoluto dos saberes que professa, aumentando ainda mais as indeterminações de seus conhecimentos. Frente a este desafio Freire enfatiza que: “eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para minha presença no mundo se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação” (1996 p. 75).

Este enfoque que concebe a educação como uma indeterminação, algo a ser construído, diminui os espaços das práticas pedagógicas exclusivamente diretivas, que apresentam pontos de chegada previamente determinados. Portanto o rumo estabelecido na sala de aula, o aprofundamento dos conteúdos, a motivação da turma, bem como a construção e manutenção de um ambiente mais agradável, irão depender da disponibilidade do professor em aceitar que as alterações de suas ações docentes necessitam de uma nova abordagem, onde se aceite o desafio de admitir, que o aluno também contribui com o processo educativo. “A professora gosta de ser ajudada pela turma e com isso a gente se sente especial” (9.10).

È importante salientar que o entendimento através do diálogo é um processo onde a capacidade de argumentação adquire grande relevância, e nesse sentido a linguagem utilizada pelo professor torna-se um fator importante. Linguagem aqui tem um sentido mais amplo,

pelo fato de englobar também, todos os procedimentos, que o professor faz uso em sua prática, para melhorar o seu relacionamento com os alunos. Entretanto, quando isso não ocorre de forma satisfatória:

Professores e alunos vivem juntos durante anos dentro da sala de aula, mas são estranhos uns para os outros, são treinados para fazer cálculos e acertá-los, mas a vida é cheia de contradições, as questões emocionais não podem ser calculadas, nem tem conta exata (CURY, 2003, p. 12).

Isso se confirma quando analisamos a fala dos alunos que enfatizam. “Todo mundo se entende com ela, pois ela usa uma linguagem fácil e acessível a toda turma, fazendo com que a gente consiga entender sobre o que ela está falando, pois as coisas complicadas ela torna simples e fácil de entender, além disso, ela valoriza nossos sentimentos” (12.1).

Diante do exposto, a construção do conhecimento realmente se efetiva, através da linguagem utilizada pelos envolvidos no processo interativo, é neste sentido que;

Sempre pensamos em alguma linguagem, isto é conversamos conosco mesmos e organizamos nosso comportamento interno da mesma maneira que organizamos nosso comportamento de acordo com o comportamento das outras pessoas (VIGOTSKI, 2003, p.171).

O autor também evidencia a sua preocupação social em nossas relações, da mesma forma que a afirmação do aluno de que, “eu acredito que o diálogo vai ajudar a mudar a sociedade” (4.17), demonstra preocupação semelhante, que em determinados momentos por não estar sendo feita de maneira adequada, deixa claro que “muitos educadores ainda não atingiram a melhor maneira de ensinar ao aluno o que ele deseja” (11.3).

As reflexões do texto reforçam cada vez mais, a importância da linguagem utilizada pelo professor no relacionamento com os alunos. Através dela, o aluno exercita o seu diálogo, que se constitui em um dos fatores mais significativos para a construção de um relacionamento interpessoal, pois todo mundo fala, mesmo utilizando linguagens diferentes, logo, falar se constitui em uma das formas mais fáceis de entendimento.

A partir do momento, em que a fala do aluno está apresentando uma argumentação mais consistente, comprova-se que o equilíbrio das habilidades formais e relacionais da prática pedagógica do professor foi atingido. Pelo fato de que a argumentação de qualidade transcende a racionalidade das disciplinas, da mesma forma que se torna demagógica se for sustentada apenas com as habilidades políticas. A declaração de uma aluna ressalta a importância desta reflexão ao afirmar que: “em suas aulas há uma grande troca de opiniões entre os alunos e a professora, aonde cada um cria e defende suas teses” (8.5).

É importante ressaltar, que as idéias do grupo de estudantes, bem como dos autores citados, enfatizam a relevância do diálogo também na motivação das pessoas, pois através dele o professor pode despertar o interesse da turma, “ensina a gente a ter vontade de crescer e chegar lá, ser alguém, forte, muito bem educado e capacitado para viver na sociedade (18,8)”.

Vale lembrar que existe uma espécie de consenso, no sentido de que o ser humano quando motivado multiplica as suas possibilidades, pois,

Todos aprendemos mais e melhor quando nos sentimos estimulados, quando temos um bom autoconceito, quando nos propomos metas desafiantes, mas acessíveis para nossas possibilidades, quando ainda não renunciamos a continuar aprendendo (ZABALLA, 1998, p. 212).

Portanto motivar os alunos passa a ser um desafio para os professores, pois o sucesso de qualquer procedimento pedagógico depende muito da relação de convivência estabelecida pelo grupo. “A professora sempre nos traz uma boa mensagem, isso desperta o interesse do aluno e nos motiva, faz a gente acreditar que pode conseguir” (10.8). Outro aluno ao falar sobre motivação declara: “adoro minha professora, ela faz a gente acreditar nos sonhos” (24,12).

As declarações dos alunos deixam evidências concretas, que na medida em que a turma se encontra motivada, o professor desenvolve com mais facilidade qualquer disciplina. É importante salientar que as pessoas só dão o que possuem, portanto estar motivado é pré-requisito para motivar os outros. “Pois qualquer discurso racional, por mais impecável e perfeito que seja, torna-se completamente ineficaz para convencer o outro, se o que fala e o que escuta o fazem a partir de diferentes emoções” (MATURANA, 2002, p. 92).

Conforme avançamos nesta reflexão, percebemos a sua complexidade devido às interligações que exerce com outros fatores da prática pedagógica do professor. É importante ressaltar que a motivação não é um estado permanente, necessita constantemente buscar subsídios para a sua manutenção. Nesse sentido entendemos que o gostar da profissão é uma das maneiras do educador se automotivar, que como consequência requer constantes investimentos em técnicas e procedimentos, com o objetivo de evitar a rotina na atuação docente.

Ressalta-se também que a aproximação entre as pessoas ocorre pelas mais diferentes razões, mas qualquer ação neste sentido só tem possibilidade de se efetivar se existir nesta relação algum tipo de afinidade, alguma razão, uma meta a ser atingida, ou seja, é necessário

que se deseje que seja agradável para ambos, portanto a forma do professor se expressar é importante para o surgimento do diálogo, porém para promover esta abertura que possibilita uma maior identificação dos envolvidos no processo educativo, “em primeiro lugar é necessário compartilhar de uma linguagem comum, entender-se, estabelecer canais fluentes de comunicação e poder intervir quando estes canais não funcionem” (ZABALLA, 1998, p. 101).

O mesmo autor também enfatiza que a construção deste entendimento irá depender muito das concepções educacionais do educador, pois segundo ele “a maneira de entender a aprendizagem configura uma determinada forma de relacionar-se em classe” (ZABALLA, 1998, p. 89). Isso significa que incentivar o diálogo entre a turma, só é possível para o educador que se sinta desafiado ao enfrentar os questionamentos dos alunos, como forma de superar conhecimentos fechados, onde o professor detém todo conhecimento.

Em nosso entendimento, esta postura do educador determina o tipo de relação que será estabelecida com os alunos. Além disso, revela também o comprometimento do projeto pedagógico da escola com as transformações efetivas nas condições sociais dos alunos. Entendimento semelhante é encontrado em Antunes, para o qual a “escola não é importante apenas pelo que ensina, mas pelas relações sociais que oportuniza” (2001 p. 29).

É de fundamental importância que seja esclarecido, que as práticas pedagógicas abertas aos questionamentos dos alunos, não detêm a hegemonia do diálogo em suas relações, o que enfatizamos é que qualidade do relacionamento estabelecido na sala de aula, ou em qualquer situação de aprendizagem, adquire um significado mais amplo quando as concepções dos alunos passam a ser consideradas.

Portanto, se o objetivo das atividades pedagógicas não visarem à inclusão dos saberes dos alunos em um intercâmbio dinâmico com o professor, a principal finalidade do processo de construção do conhecimento não estará sendo atendida, e as constatações dos alunos deixarão de ter sentido, “a minha professora gosta de aprender com a turma, além de que a sua forma de se expressar permite que o professor cative os alunos, fazendo com que a gente a cada dia sinta vontade aprender mais” (18.5).

Parece-me que essas reflexões nos permitem concluir, que mais importante do que incentivar o diálogo é saber se o mesmo é coerente com a postura do educador e as necessidades dos alunos, e que só após haver uma certificação desses requisitos, é que tanto a qualidade dos relacionamentos interpessoais como a construção do conhecimento poderá vir a se consolidar através do diálogo.

A fala do aluno reflete a necessidade da urgência na execução deste procedimento pelo professor, “logo ao entrar na sala o professor precisa estabelecer um bom diálogo com os alunos” (16.2). Entendemos que a partir do momento que o professor demonstra preocupação, em buscar o entendimento com os alunos, ele está elegendo os aspectos relacionais como forma de construir um clima satisfatório. Essa opção demonstra um esforço em humanizar seus relacionamentos, por entender que a partir daí, o equilíbrio entre os aspectos formais dos conteúdos podem ser desenvolvidos com mais facilidade.

5.4-Os saberes do professor

Ao emprendermos uma reflexão sobre os saberes dos professores, se faz necessário situá-los a luz das realidades contemporâneas, onde a diversidade das realidades escolares, não mais se sustenta sob conhecimentos fechados e uma prática que enfatiza normas escolásticas, onde o professor é visto como o único detentor dos conhecimentos desenvolvidos pela escola.

A amplitude do conhecimento do professor, sempre foi um tema polêmico. Algumas vezes limitando-se aos saberes específicos de uma determinada disciplina, outras mais ligadas ao senso comum das pessoas, que entendiam que o professor era uma pessoa que tudo sabia. Esta é uma visão muito comum facilmente observada em conversas com pais de alunos, que na tentativa de motivar seus filhos a estudar, dizem frases do tipo: “o professor não precisa mais estudar, quem tem que estudar é você menino”.

De uma maneira geral, estar formado nos passa a idéia de acabamento, de alguém pronto e moldado para executar determinadas tarefas e agir em situações previamente estabelecidas, conforme Zabala “esta concepção é coerente com a crença de que a aprendizagem consiste na reprodução da informação, sem mudanças, como se tratasse de uma cópia na memória do que se recebe através de diferentes canais” (1998 p. 89).

Nesta situação, a formação profissional do professor contribui apenas para treinar pessoas, que irão transmitir conhecimentos e conseqüentemente manter uma determinada hierar-

quia social, sem nenhuma possibilidade de preparar o aluno para intervir na sociedade, tarefa fundamental do processo educativo.

O adestramento das pessoas está em conformidade com uma prática pedagógica, comprometida com a manutenção da situação social vigente sem nenhuma possibilidade de transformação, pois quando “a formação possui conotação de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito” (MORIN, 2004, p. 10).

Os alunos de uma maneira geral, admiram os conhecimentos de seus professores, ainda mais se esses conhecimentos não se resumirem apenas aos conhecimentos específicos de sua disciplina. Geralmente quando isso acontece o professor se constitui em uma espécie de líder e confidente, facilitando dessa forma o aspecto formal da educação, devido à construção de um clima agradável originado pelas habilidades relacionais do professor. Conforme um aluno, “É uma professora calma, do tipo amiga e brincalhona, porém muito discreta que sabe muito bem que a linha que separa uma aula produtiva, de uma aula que não poderá ser aproveitada é muito fina e não deve ser ultrapassada” (8.8).

O educador que limitar seus saberes a disciplina que trabalha, sem buscar o equilíbrio com as competências relacionais, pode até ser admirado pelos alunos, porém jamais irá conseguir estabelecer um clima afetivo e prazeroso em suas práticas pedagógicas, “portanto mais importante do que ter na cabeça um lote especial e bem guardado de habilidades e conhecimentos é preciso renovar-se a si mesmo constantemente” (DEMO, 2003, p. 69).

Certamente sob este contexto, os saberes do professor não podem ser resumidos a sua formação acadêmica, mesmo que seja muitas vezes a ela atribuída. Com isso não se está desqualificando nenhum título obtido em qualquer nível de formação, pois agir dessa forma seria tão grave quanto declarar que após o término da faculdade o professor nada mais tem a aprender. O que estamos defendendo é a necessidade de aperfeiçoamento constante, que proporcione ao educador a transcendência disciplinar, sem a delimitação a priori de saberes e procedimentos definidos como receitas.

Este enfoque encontra respaldo no pensamento de Paulo Freire, onde ele ressalta a necessidade deste equilíbrio na formação do professor, e que necessariamente precisará balizar a sua prática, ao destacar que, “o preparo científico do educador ou da educadora deve coincidir com sua retidão ética” (1996 p. 16).

O pensamento de Freire vai ainda mais além, pois o fato de que os saberes do educador sejam limitados pelos seus entendimentos ditos racionais, dificulta que se consiga atingir um dos principais objetivos da tarefa educativa, que segundo ele está na construção de uma sociedade mais justa, com menos desequilíbrios entre as classes sociais. A escola precisa ser competente para que o aluno adquira o entendimento de que a educação que ela desenvolve, vise a sua formação integral como cidadão, só assim “irá conseguir dar as pessoas maior clareza para “lerem o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política” (2001,36).

É nesse sentido que o professor não terá êxito, em fazer o seu aluno perceber a importância ética e social da educação, apenas aprofundando o conteúdo em sua disciplina, sem

qualquer consideração pelas suas dificuldades de entendimento. É preciso que se destaque que muitas dessas dificuldades são situações criadas pela falta de um equilíbrio entre as habilidades formais e relacionais do professor. “Assim, pois, convém ao professor entender que todo processo de ensino/aprendizagem tem alguma coisa, para não dizer muito, de relação pessoal” (ZABALLA, 1998, p. 219).

Ao questionarmos um aluno com dificuldades em uma determinada disciplina, sobre o domínio do seu professor, ele pode até ser enfático e acrescentar que o seu professor conhece bem a matéria que ensina, mesmo assim ele e grande parte da turma podem não apresentar um bom rendimento na disciplina em questão.

Isso mostra que a resposta do aluno não deixa de ser coerente, pois mesmo ele não conseguindo entender o conteúdo, isso não significa que o professor não o domine. A análise precisa ser feita, sobre o que esse domínio significa efetivamente em termos de aprendizagem para o aluno, até porque, fatos semelhantes são muito freqüentes em nossas escolas. Uma aluna deixa muito clara esta posição ao afirmar que, “acho que teríamos uma combinação perfeita, se conseguíssemos aliar o conhecimento e a firmeza da professa “A” com a grande paciência e boa vontade da professora “B”, no meu ponto de vista teríamos qualidade e eficiência com uma só pessoa” (11.28).

A necessidade de equilíbrio entre os aspectos relacionais e formais da prática pedagógica do professor torna-se necessários para a construção de pessoas coerentes. É importante entendermos que este equilíbrio é uma busca constante, e nossos conhecimentos precisarão

ser sistematicamente reciclados, pois a nossa intervenção modifica o aluno e a nós mesmos nos tornando diferentes em cada encontro, neste aspecto a nossa turma é diferente a cada aula.

Portanto, não tem sentido a repetição ou ênfase exagerada em disciplinas e condutas a serem observadas, nada é tão contraditório ao processo de construção de conhecimento, quanto à delimitação arbitrária de currículos e conteúdos de forma previa sem a possibilidade de intervenção pelos sujeitos envolvidos no processo. Frente a este desafio, o bom senso do professor precisa predominar, para que a sua prática pedagógica esteja constantemente sendo submetida à reflexão, como forma de manter o equilíbrio entre a racionalidade dos conhecimentos científicos e os valores da sociedade a ser construída.

5.5-A prática pedagógica do bom professor

Ao refletirmos sobre a prática do professor competente, é necessário que se definam quais os aspectos que especificamente serão motivos de análise, evitando dessa forma que o enfoque seja feito aleatoriamente, o que irá dificultar o estabelecimento de pontos consensuais, e uma análise mais precisa e detalhada dos momentos mais relevantes do processo educativo.

Em outras palavras, é preciso que se descubram quais são os valores que norteiam as concepções educacionais do educador, pois acreditamos que só a partir disso é que poderemos desenvolver uma postura pedagógica que contemple as características de ser humano, que o professor pretende ajudar a construir.

Esse entendimento do educador lhe dará subsídios, para determinar quais os aspectos da sua prática que irão necessitar de um enfoque mais efetivo. Nesse sentido, o bom professor não pode ser analisado pelo domínio e ênfase desproporcional de um aspecto em relação ao outro. A partir desta visão surge o entendimento de que a qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor encontra-se em sua capacidade em equilibrar as questões éticas e racionais. Dessa forma a prática do professor precisa refletir um estilo de vida coerente como cidadão, e assim incentivar o seu aluno a construir a sua autonomia.

É nesse sentido que o cotidiano de uma sala de aula, não pode ser avaliado apenas em função do silêncio ou da capacidade do professor em manter a turma sob controle, é preciso que a afirmação do aluno de que “a gente sente firmeza quando a professora entra na sala” (20,3), seja entendido de forma mais ampla, para se tentar compreender o que na verdade faz com que determinados professores, sejam aguardados com entusiasmo pela turma, “sempre achei bonito e interessante o seu jeito de entrar na sala, cumprimentando, conversando, demonstrando simpatia, nunca de mau humor” (5.9).

O professor ao entrar em uma sala de aula, percebe com facilidade que para obter sucesso com os alunos, irá precisar ter muita criatividade, pois por mais ampla que tenha sido a sua formação, os diferentes contextos que envolvem a sua atuação docente irão exigir uma

constante reflexão sobre a sua prática pedagógica. Essa necessidade de tentar compreender as pessoas com quem iremos nos relacionar é natural no contexto social e educativo devido a sua intencionalidade, pois “sem se envolver afetivamente, não existe autêntico conhecimento dos processos latentes, ocultos e subterrâneos que caracterizam a vida social dos grupos e das pessoas” (GÓMEZ, 2001, p. 66).

Isso significa que por maior que seja a sua experiência didática, ela precisará ser contextualizada com as realidades da turma. Uma aluna enfatiza esta necessidade ao declarar a importância dos recursos utilizados pelo professor, “as dinâmicas que o professor traz para sala de aula ajudam na aprendizagem dos conteúdos, nos fazem refletir sobre a nossa vida e nosso futuro” (16.1).

Sob este enfoque, percebe-se que as características que os alunos destacam com relação à prática pedagógica do professor, relacionam-se mais ao seu modo de agir em sala de aula, do que propriamente os conteúdos específicos que ele desenvolve.

Essa visão não representa menosprezo pelo domínio das habilidades formais do educador, porém é uma evidência de que, a capacidade de se relacionar bem com a turma, foi considerada como um fator de grande relevância, até pelo fato de que a racionalidade sempre recebeu mais ênfase na prática dos professores. Isso mostra que o aluno valoriza muito o educador que o considera parte integrante do processo de construção do conhecimento. “A professora posiciona-se como sujeito do ato do conhecimento e procura criar condições que juntamente com os alunos possam perceber as contradições da sociedade e grupos com que vivem” (24.8).

Esse enfoque no aspecto relacional das competências do professor é destacado por facilitar a contextualização dos conteúdos, evitando que os mesmos sejam passados para o aluno de forma seca e sem nenhuma ligação com o seu cotidiano, “ao estudarmos um determinado conteúdo, ou um povo em especial, nós incorporamos estas pessoas e de certa forma tentamos adotar ou pelo menos entender sua cultura” (8.4).

Essa valorização das relações interpessoais, na ação educativa está ganhando mais espaço, devido a ela possibilitar ao professor adaptar diferentes formas de ensinar, visando atingir os resultados satisfatórios que ele e a turma esperavam principalmente no que diz respeito ao ambiente de sala de aula, pois também é do entendimento dos alunos que “determinadas situações e técnicas, favorecem a absorção de conhecimento no cotidiano estudantil” (11.1), tendo em vista que através dessas situações “a professora nos proporciona momentos de reflexão sobre os problemas e sentimentos da vida (22.9)”.

Mais uma vez se evidencia que este tipo de postura do professor, que favorece a inclusão e valorização do outro, cativa o aluno e possibilita uma aproximação entre o seu mundo com o mundo da escola. Acredito que essa visão que constrói significados comuns a partir de realidades diferentes, mostra que a prática dos professores, constitui a identidade da escola. Nesse contexto, o aluno responde com facilidade o que para ele significa uma boa aula, “a aula boa é aquela que vai além do conteúdo” (7.2), ou ainda “quando a aula nos possibilita refletir sobre a nossa vida, ela aumenta o nosso interesse e a participação” (15.2).

Percebe-se de forma nítida, que estas afirmações revelam a harmonia e um relacionamento positivo entre professor e aluno. Porém entendemos que o investimento na construção

de condições mais afetivas, não deve ser responsabilidade de disciplinas isoladas, é necessário que a escola amplie estas discussões, contemplando-as em sua proposta pedagógica.

Enquanto estes procedimentos na grande maioria das escolas resumem-se em atitudes pontuais de alguma atividade ou disciplina específica, a escola como instituição perde uma grande oportunidade de desenvolver atitudes mais humanitárias e se aproximar da sua comunidade escolar, através de currículos e práticas pedagógicas mais inclusivas, construídas através de uma maior participação da comunidade escolar, com o estabelecimento de metas que contemplem os entendimentos e necessidades do grupo.

É importante ressaltar que as alterações em concepções tão arraigadas, demoram algum tempo para se efetivarem, ao mesmo tempo em que servem de justificativa para que um grande número de instituições continue a desenvolver práticas pedagógicas de forma bastante conservadoras, enfatizando que:

Sem dúvida é uma clara responsabilidade profissional dos docentes adequarem de maneira autônoma o currículo às características dos alunos e de seu contexto natural e social, de modo que os processos de aprendizagem garantam o desenvolvimento de capacidades autônomas de pensar, sentir e atuar e não uma mera e efêmera acumulação enciclopédica de conhecimento sem sentido (GÓMEZ, 2001, p. 137).

É muito importante que ao falarmos sobre a humanização da educação, ela não seja entendida como uma espécie de licenciosidade, ou venha a significar qualquer forma de ausência e de rigor científico, muito pelo contrário, pois, o clima amistoso desenvolvido com os alunos contribui para o estabelecimento de regras consensuais que comprometem ainda mais os envolvidos, “pois o professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se

esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 1996, p. 92).

Um tratamento mais humanitário na educação é reivindicado para enfatizar a necessidade, em se dar maior valor ao sentimento e as necessidades das pessoas, pois a educação, “pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (MORIN, 2004, p. 11). Portanto não tem sentido ampliarmos a nossa concepção de mundo, se isso não nos possibilitar uma reflexão sobre a nossa condição de vida, bem como as suas possibilidades de transformação.

A visão humanística da educação proporciona a sustentação do equilíbrio entre as questões científicas e relacionais da prática pedagógica do professor. Esse equilíbrio é necessário para que nossos alunos venham a se constituir em pessoas com uma visão mais ampla, o que contribui para diminuir o individualismo das pessoas, valorizando atitudes e procedimentos coletivos, pois “o amor pode conter tanto talento e inclusive genialidade quanto a descoberta do cálculo diferencial” (VIGOTSKI, 2003, p. 122).

Ao refletirmos sobre as falas dos alunos, encontramos muitas evidências de que os professores possuem dificuldades, para desenvolver os aspectos relacionais de sua prática pedagógica. Atingir o equilíbrio com os aspectos formais é um processo ainda mais lento, pois as competências docentes,

Ocorrem passo a passo, segundo um processo de construção contínuo, processo que ocorre através de um diálogo interior, representando pelas relações intrapessoais e interpessoais, as quais implicam inserção e responsabilidade social (PERRENOUD, 2002, p. 166).

È muito comum ouvir em conversas entre professores, relatos sobre os problemas que estão enfrentando para vencerem os conteúdos propostos, ou ainda as dificuldades dos alunos em acompanhá-los. Essa visão mostra a ênfase excessiva na formalidade que predomina em suas práticas pedagógicas.

Toda reflexão feita até o momento neste texto, deixa claro que as dificuldades de relacionamentos que os professores enfrentam, necessitam de um novo olhar por parte da escola, no sentido de que seja percebida a importância dos aspectos relacionais da prática pedagógica do professor, como forma da instituição escolar desenvolver uma educação capaz de enfrentar as complexidades de uma sociedade, formada por pessoas com os mais diferentes contextos.

6- AS AÇÕES QUE FACILITAM O ENTENDIMENTO

Este capítulo continua com as análises das falas dos alunos, com o objetivo de tentar oferecer respostas ao nosso problema de pesquisa. Nesse sentido iremos perceber que as práticas pedagógicas da grande maioria dos professores oscilam entre a racionalidade das disciplinas científicas e uma espécie de menosprezo pelas demais.

Dessa forma continuamos a analisar os dados empíricos obtidos com os entendimentos dos alunos, que demonstram que determinadas características dos professores, facilitam o processo de aproximação com os alunos, tornando os procedimentos pedagógicos dos educadores mais inclusivos. Percebe-se com clareza que os estudantes valorizam os professores que estão dispostos a aprender com eles, e dessa forma nos fornecem algumas orientações no sentido de que, a formação de um educador precisa transcender os aspectos racionais das disciplinas que ele trabalha, buscando dessa maneira atingir o equilíbrio entre razão e emoção no processo de construção do conhecimento.

6.1-As possibilidades a partir do entendimento. - O que pensam os alunos.

Ao desenvolvermos uma análise mais detalhada das falas dos estudantes, é importante que seja destacado, que o trabalho foi proposto nas três turmas concluintes do ensino médio da escola, sendo que não foi exigida dos alunos a obrigatoriedade de participar do trabalho de pesquisa.

Nesse sentido não foram todos os alunos que decidiram participar, porém foi nítido o entusiasmo, e a importância destinada pelos participantes, pois conforme declarações dos estudantes, este tipo de atividade é uma oportunidade para eles manifestarem suas opiniões a respeito dos procedimentos e posturas de seus professores, bem como dos momentos mais significativos em suas vidas escolares.

Nesse aspecto se percebe que as falas dos alunos foram carregadas de emoção e sinceridade, por relembrares fatos marcantes de suas trajetórias escolares. Consideramos importante enfatizar que ao se reportarem às atitudes e procedimentos didáticos de seus professores, os alunos sempre demonstraram respeito e humildade, sem com isso deixar de ser críticos.

Esse aspecto é importante, na medida em que pode significar que os alunos participantes do trabalho tiveram o discernimento necessário, entre o professor bonzinho e licencioso e o educador que domina o conhecimento técnico da sua disciplina, aliado a uma postura que favoreça a criação de um clima adequado na sala de aula. As afirmações de um aluno enfatizam esta consciência do grupo,

“é necessário haver equilíbrio entre conteúdo teórico e prático e a interação entre os alunos e o professor” (11.30).

Para ocorrer o reconhecimento do outro no processo educativo, é necessário se promover o equilíbrio destes aspectos da prática do professor, que tradicionalmente enfatiza o domínio dos conteúdos, sem uma preocupação mais específica sobre as razões das dificuldades de entendimento dos alunos. Esta ênfase maior na racionalidade do que no ensino propriamente dito, produz seres humanos individualistas, com dificuldade de entendimento sobre as necessidades dos outros, dificultando que a educação aproxime as pessoas e contribua para a sua humanização.

Essa consciência por parte dos estudantes, no meu entender é um fator que dá credibilidade ao trabalho de pesquisa, pois os participantes salientam que a escola ao promover este tipo de “abertura”, se aproxima das realidades dos alunos, e isso se constitui em avanços educacionais para a instituição como um todo.

O resultado da análise das falas dos alunos direciona o trabalho para dois aspectos importantes e distintos, que praticamente foram enfatizados por todos os participantes: a) a preocupação com o aprofundamento dos conteúdos de disciplinas específicas, bem como a forma que os mesmos estão sendo desenvolvidos nas aulas: b) como uma oportunidade de inclusão que a escola proporcionou aos alunos, ao destinar-lhes um espaço para ouvi-los, e propor alterações no trabalho docente de alguns professores a partir da realidade dos estudantes.

Estes aspectos dão sustentação às análises, pois ao refletirmos sobre os mesmos percebemos a preocupação dos alunos, tanto com os conhecimentos como com as suas formas de construção, dei-

xando evidente a necessidade de uma postura pedagógica mais equilibrada, que contemple de forma coerente à racionalidade das disciplinas bem como as habilidades utilizadas para desenvolvê-las.

6.1.1-O que a escola ensina? Quais as suas práticas?

Ao discorrerem sobre os aspectos mais significativos dos tempos de escola, a maioria dos participantes da pesquisa foram enfáticos ao afirmarem que a forma de abordagem inicial desenvolvida pelo professor na sala de aula, como demonstrações de atenção, amizade, disponibilidade, parceria e alegria, são as características mais enfatizadas pelos alunos.

De certa forma as competências específicas do professor em sua disciplina ficam condicionadas a este primeiro contato que o educador estabelece com a turma, entendimento este evidenciado na declaração de um aluno; “logo ao entrar na sala o professor precisa estabelecer um bom relacionamento com os alunos, criando um clima gostoso, a partir disso a gente aprende qualquer coisa” (15.1).

Os estudantes mais conscientes sempre demonstraram maior preocupação com relação à qualidade de seus estudos, de certa forma é natural que esse aspecto ganhe relevância nas turmas que estão concluindo o curso. Além de que este trabalho poderá também se constituir em uma boa razão para os alunos realizarem uma espécie de avaliação dos seus estudos, da instituição escolar e conse-

qüentemente de suas ações como estudantes de uma maneira geral, através de uma reflexão sobre os aspectos mais significativos de suas vidas escolares.

È importante deixar claro que possíveis extrapolações em alguns depoimentos, bem como problemas isolados e individuais não tiram o mérito de suas falas, que precisam ser entendidas dentro de um contexto que envolve a educação desenvolvida pela escola sob um panorama mais amplo.

As principais linhas argumentativas dos alunos enfatizaram a importância da construção de um clima entre professor e aluno que favoreça a aprendizagem, além de que a expectativa dos alunos com relação à atuação do seu professor se inicia a partir do momento em que eles descobrem quem irá atuar com determinadas disciplinas.

Isso nos faz novamente voltar a destacar a importância do primeiro contato com os alunos, pois antes mesmo do professor chegar à sala de aula, já existe todo um clima de expectativa que os alunos desenvolvem, com relação as suas características.

Esse momento marca o início do processo de reconhecimento do outro, além de ser um dos fatores que mais irão influenciar na relação do professor com seus alunos. A declaração de uma aluna ressalta essa importância inicial ao afirmar que: “sempre achei bonito e interessante o jeito da professora entrar na sala, cumprimentando, conversando, demonstrando simpatia, nunca de mau humor” (5.9).

Este contexto conforme a declaração dos alunos evidencia que as demais competências do professor, imprescindíveis para o êxito de sua prática pedagógica recebem um primeiro olhar sempre

sob o ângulo das habilidades relacionais. Nesse sentido, mesmo que o aluno tenha plena consciência que o domínio dos conhecimentos específicos de uma determinada disciplina seja fundamental e que se constitua em seu objetivo principal, não significa nenhuma contradição, às afirmações de que uma aula cativante envolve a turma e favorece o desempenho dos alunos.

Outro aluno enfatiza que “a professora envolve a turma emocionalmente criando um clima gostoso, e fica mais fácil a gente aprender” (14.2). Esse aspecto emocional encontra ênfase em Demo ao sustentar que “a emoção é tão essencial para a aprendizagem que está necessariamente ligada ao envolvimento pessoal” (DEMO, 2004, p. 118).

É importante ressaltar, que a própria ciência referenda que o ser humano procura o entendimento ao interagir com o outro. Conforme Maturana “as relações humanas acontecem sempre a partir de uma base emocional que define o âmbito da convivência” (1998 p. 74). Sob esta visão, torna-se evidente que as práticas pedagógicas do professor precisam ter o lado emocional como ponto de partida até por uma questão racional.

As falas dos alunos também destacam que antes do professor demonstrar que domina os conteúdos de sua disciplina, eles desejam que as suas atitudes reflitam o seu equilíbrio, característica que dará confiança ao grupo. Para conseguir isso o professor irá precisar fazer uso de uma linguagem que facilite o entendimento, conforme um aluno enfatiza: “a professora usa uma linguagem acessível” (12.11).

Nesse sentido ao iniciar a sua preleção, o professor pode aproximar a sua linguagem com o cotidiano dos alunos, enfocando no seu planejamento conteúdos que enfatizem as dúvidas, necessi-

dades, e sonhos dos alunos. Uma aluna confirma a importância desta abordagem, quando destaca que “a professora nos proporciona momentos de reflexão sobre os problemas e sentimentos da vida, nos incentiva a sonhar, torna o nosso futuro cheio de possibilidades” (22.9).

Pode-se perceber que os alunos mantêm certa preocupação com relação ao aprendizado dos conteúdos, um pouco talvez pelo fato de serem concluintes do curso e alguns possuem aspirações de continuar seus estudos. Porém deixam claro que a maneira do professor conduzir suas aulas é o que mais os motiva a continuar estudando. Ressaltam também, que é no primeiro contato do professor com a turma, que acontece uma espécie de cumplicidade com os alunos, o que irá permitir que se construam alguns acordos, que irão facilitar os relacionamentos do grupo.

Os conhecimentos formais do professor também são motivos de preocupação dos alunos, porém percebe-se que eles acreditam que o aprendizado dos conteúdos é uma consequência das ações iniciais do professor, que optou por unir a turma através de um relacionamento interpessoal satisfatório, e dessa forma equilibrar a sua prática pedagógica com os aspectos formais das disciplinas.

6.1.2-A inclusão dos alunos a partir de alterações na prática pedagógica do professor.

O primeiro olhar que desenvolvemos para os saberes divergentes, envolvem um misto de desconfiança e curiosidade. Eles podem ser simplesmente ignorados a priori, tornando-se preconceitos,

ou receberem uma análise mais detalhada vindo a modificar o nosso entendimento e sendo incorporados aos nossos saberes.

Assim como as pessoas, a escola também apresenta dificuldades para aceitar a introdução de saberes divergentes nas práticas pedagógicas de seus professores, consequência de análises parciais e apriorísticas, razões que possibilitam que a escola mantenha a hegemonia de seus saberes, o que demonstra um entendimento de que os conhecimentos são estanques e uma vez adquiridos, precisam servir como instrução para as pessoas.

E assim continuamos com uma prática embasada em modelos e concepções pedagógicas que consideram que o aluno não possui conhecimento algum, e, portanto frequenta a escola para receber conhecimentos previamente determinados e prontos, desenvolvidos através de disciplinas e conteúdos específicos, de forma linear.

É importante destacar que esta visão de certa forma explica a grande dificuldade dos professores em admitir algum tipo de intervenção em seus procedimentos pedagógicos, bem como em suas concepções educacionais, pois conforme Moraes, “na prática do professor encontram-se subjacentes um modelo de educação e um modelo de escola, fundamentados em determinadas teorias do conhecimento” (1997 p. 18).

Este enfoque explica a maior ênfase que a escola destina aos aspectos formais do conhecimento, bem como as dificuldades para que os saberes dos alunos sejam considerados, e passem a integrar os conhecimentos que ela valoriza. Os alunos destacam que a partir do momento em que são chamados a participar, ocorre por parte da escola uma espécie de reconhecimento da necessidade de

abrir suas práticas para a incorporação do conhecimento dos alunos, além de buscar formas de melhor aproveitar esta diversidade de saberes.

Ainda sob o mesmo enfoque, também foi destacado pelos estudantes que este tipo de trabalho de pesquisa, possui um caráter de inclusão, por demonstrar preocupação com os saberes dos alunos. Salientam ainda que procedimentos desta natureza desenvolvam a curiosidade, até por que não são muito freqüentes, pois de acordo com Assmann, “em um sistema aprendente a curiosidade adquire sentido, quando ela pode ter influência dinâmica sobre a escolha e definição daquilo que se propõe para aprender” (2004 p. 178). Neste aspecto quaisquer proposições que acenem nesta direção receberão aceitação por parte dos alunos, que vêem nestas situações oportunidades de reconhecimento individual e também como grupo.

A oportunidade de falar abertamente sobre os procedimentos pedagógicos utilizados pela escola na construção do conhecimento encontra ênfase em uma prática pedagógica, onde o professor compartilha de concepções educacionais emergentes, talvez por isso não seja muito constante este tipo de reflexão, mesmo que as escolas públicas do Estado sejam administradas “democraticamente” conforme determina lei específica. Entretanto, de acordo com Perrenoud. “Muitos professores são favoráveis a uma educação democrática, mas com a condição de que ela não tire um minuto sequer de sua disciplina e não interrompa de modo algum o trabalho e o andamento do programa”. (2005, p. 37).

Portanto para os alunos, qualquer postura do professor que venha de alguma maneira romper mesmo que superficialmente esta rotina, constitui-se em formas de incluí-los no processo educativo. Pois poder fazer observações sobre seus professores, avaliar o sucesso desta ou daquela atitude, su-

gerir, analisar, discutir e apresentar possíveis alternativas de mudanças nas práticas desenvolvidas pelos professores, é uma forma de terem os seus saberes considerados, podendo vir a se constituir em alterações na proposta educacional da escola.

Isso justifica o entusiasmo com que os alunos, defendem as atitudes de um determinado professor que mais os marcou, pois de alguma forma o relacionamento interpessoal desenvolvido pelo educador, possibilitou momentos de diálogos em que as suas necessidades foram compreendidas. Lembrando que quando alguém nos dispensa atenção distinta da habitual, nos sentimos reconhecidos e ficamos mais propensos ao desenvolvimento de atitudes amistosas.

Além disso, este contexto possibilita que o aluno avalie a sua aprendizagem também em função do desempenho do seu professor, e isso se constitui em uma forma aumentar o comprometimento do educador com a sua prática pedagógica, pois conforme Cunha “assim como seu modo de agir e de ser recebem influências do ambiente escolar, também influencia este mesmo ambiente” (2004 p. 24).

Esse contexto enfatiza que qualquer procedimento didático só adquire sentido quando for planejado, visando o aprendizado dos alunos, fator que não é questionado em uma concepção educacional onde o professor ensina e o aluno aprende. Essa concepção de educação não permite questionamentos aos procedimentos didáticos do professor, e, portanto possíveis fracassos escolares são sempre exclusivamente devido a problemas dos alunos.

Percebe-se também que este olhar sobre os relacionamentos dos envolvidos com o processo educacional, torna possível a avaliação institucional, onde o desempenho dos alunos passa a fazer

parte de um panorama mais amplo, questionando se a atuação dos professores e a função que a escola desempenha, estão em sintonia com os problemas sociais.

Como se pode perceber, a possibilidade de considerar os saberes e os procedimentos dos professores não mais como verdades absolutas, abre espaço para que a educação seja entendida como construção, superando a mera instrução e o acúmulo de informações previamente determinadas, através de práticas fechadas que delimitam qualquer possibilidade de intervenção. Vale lembrar também, que a construção de conhecimentos não se constitui em práticas individuais, o que torna o processo educativo uma responsabilidade de todos os envolvidos.

Os dados empíricos da pesquisa conferem muita importância às habilidades relacionais do professor, o que de certa forma sugere que a escola destine uma maior valorização às relações estabelecidas entre os envolvidos com o processo educacional. Porém os alunos em nenhum momento desvalorizaram os aspectos formais. O que se percebe é a necessidade de equilibrar estes dois aspectos fundamentais na prática pedagógica do professor. A necessidade de equilíbrio novamente fica evidente na declaração da aluna, “a professora é informada de tudo, sempre aprofundando seus conhecimentos e se atualizando com o passar dos anos, mas também é amiga, além de demonstrar interesse pelos problemas do cotidiano de seus alunos” (10.5).

Esse contexto deixa transparecer que as complexidades do processo educacional se ampliaram a tal ponto, que não se consegue dar uma resposta satisfatória aos problemas da humanidade dentro de uma lógica de pensamento linear, pois “se a realidade é complexa, ela requer um pensamento abrangente, multidimensional, capaz de compreender a complexidade do real e construir um conhecimento que leve em consideração essa mesma amplitude” (MORAES, 2004, p. 30).

Frente a este novo desafio, construir espaços de diálogos, onde não se fale apenas de conteúdos a serem aprendidos, torna-se um aspecto importante no processo educacional, pois é necessário que a escola vise à formação integral do ser humano, tendo em vista que vivemos em uma sociedade que possui normas e valoriza determinadas condutas e valores, e nesse sentido a escola precisa estar atenta e investir em questões que são de interesse do aluno.

Esta postura mais inclusiva das práticas dos professores reflete o resultado de uma transição paradigmática, que altera as concepções de como as pessoas aprendem, tendo em vista que os paradigmas ontológico e positivista, não mais oferecem respostas satisfatórias sobre os valores humanos na atualidade, pois saberes prontos e acabados não respondem aos desafios enfrentados pelas pessoas no seu cotidiano. Além de que conforme D'Ambrósio, “os avanços científicos do mundo atual mostram que a visão puramente mecanicista do universo é insustentável”(1997, p. 52).

Essa visão aliada às declarações dos alunos nos permite sustentar que as habilidades relacionais do professor passaram a se constituir no diferencial do processo educativo, tendo em vista que construir um ambiente satisfatório com os alunos demonstra que o professor possui sensibilidade frente as suas dúvidas e necessidades. Uma aluna contribui neste sentido ao declarar que “minha professora sabe ouvir, é sensível as nossas dificuldades e nos dá liberdade de expor o que nós realmente pensamos” (23.6).

Gradativamente o texto está nos possibilitando a construção de consensos com uma argumentação cada vez mais consistente. As reflexões oriundas de análises dos depoimentos dos alunos, aliadas a concepções de teóricos importantes, a luz de concepções educacionais emergentes, nos possibilitam afirmar que as condições necessárias para o início de um processo de abertura que leva ao co-

nhecimento mútuo, são atingidas a partir do momento em que o relacionamento interpessoal satisfatório nos possibilita o reconhecimento do outro como possibilidade, pois a aprendizagem é uma construção coletiva, e, portanto visa em última instância à inclusão das pessoas.

Além disso, o professor devido a cada vez mais estar investindo em sua formação continuada, está adquirindo o entendimento de que os aspectos formais e relacionais de sua prática pedagógica precisam estar em equilíbrio, caso a educação que ele estiver desenvolvendo vise à formação integral do ser humano, que precisarão ser pessoas comprometidas com as transformações sociais.

6.2-Como incluir as pessoas?

O ser humano se constitui em seus relacionamentos, pois se identifica a partir dos grupos com os quais interage. A sua inclusão em um determinado grupo, amigos, trabalho, ou a sociedade em geral, é proporcional ao conhecimento que temos em relação aos outros envolvidos. Nesse sentido é que o processo de inclusão na educação passa a existir quando o professor “ao pensar o que falar e ensinar pense a quem, com quem irá falar e quando entrar na sala de aula olhe para os corpos dos alunos. Ai dá para começar a aula. Os corpos nos trazem o outro como presença” (ARROYO, 2004, p. 138).

Portanto a falta de inclusão por parte da escola, se manifesta nas escolhas pessoais dos seus educadores, que a partir de suas concepções educacionais desenvolvem atitudes mais ou menos in-

clusivas, considerando aspectos como: conteúdos em que o professor tem mais facilidade; identificação do professor com os alunos que desenvolvem atitudes amistosas e a sua dedicação dispensada pelo trabalho que desenvolve. Novamente Arroyo enfatiza que “temos de reconhecer que cultivamos a imagem de aluno que melhor corresponde a nossa imagem de professora ou de professor” (2004 p. 54).

Nesse contexto a inclusão de pessoas em nossas relações, ganha uma conotação muito pessoal, passando a ser entendida a partir de nossos valores individuais, bem como da sociedade na qual estamos inseridos. Maturana ressalta que “a aceitação do outro como um legítimo outro não é um sentimento, é um modo de atuar” (1998 p. 66). Portanto, é da natureza dos seres humanos, o estabelecimento de relações de aproximação ou de afastamento com as pessoas, segundo os seus interesses individuais e sociais.

Isso enfatiza, que atitudes que nos aproximam deste ou daquele grupo de pessoas, adquire sustentação nos interesses e comportamentos da sociedade, pois é inegável que como seres sociais nossas decisões e atitudes também são influenciadas por um padrão socialmente aceito, oriundo de uma sociedade formadora de opiniões que nos manipula habilmente, favorecendo os interesses das classes mais organizadas e com maior poder de intervenção.

Devido à escola estar inserida em uma sociedade excludente, como consequência, desenvolvemos em nossos relacionamentos cotidianos, atitudes de exclusão muitas vezes de maneira intencional, e para darmos sustentação aos nossos procedimentos, argumentamos que a falta de entendimento é sempre do outro, o que reforça ainda mais as nossas atitudes individualistas.

Como a escola pode excluir menos, se faz parte de uma sociedade que possui determinados padrões de aceitação social? Acreditamos que a escola também precisa possuir os seus valores referendados, a ponto de serem reconhecidos pela sociedade, ou seja, virem a provocar intervenções sociais, pois segundo Perrenoud, “a escola não é um mundo social separado do restante do sistema; nela se observam mais ou menos os mesmos conflitos, as mesmas diferenças, e apostas que na sociedade global ou em outras organizações” (2005 p. 67).

A base para isto está na mudança de foco, sobre o entendimento das pessoas do que significa fazer parte de uma sociedade. É preciso, que a educação vise à integração com os outros, e incentive a diversidade, e dessa forma evita-se a padronização de modelos únicos de crescimento e entendimento, pois conforme D’Ambrósio;

A busca de uma sociedade integrada no nosso entorno familiar-onde está o outro mais imediato-, no nosso entorno comunitário-a nossa tribo-, no nosso entorno nacional - o nosso país-, são etapas necessárias para se chegar à integração da humanidade como um todo – o nosso planeta (1997 p. 82).

Como as ações desenvolvidas pela escola mantêm ligações com a sociedade na qual ela se insere recomendar o equilíbrio entre as habilidades formais e relacionais do professor nas suas práticas pedagógicas, passam a também significar uma postura inclusiva em nossas atitudes na sociedade. Isso se justifica pelo fato de que a partir do momento em que buscamos o equilíbrio em nossas ações tanto na escola como na sociedade, estaremos evitando atitudes extremistas que dificultam o surgimento de uma postura mais acolhedora em relação a pensamentos e atitudes divergentes.

6.3 O que orienta a nossa prática? Ao que damos mais ênfase?

Se esperarmos que a escola nos proporcione todas as condições que julgamos necessárias para produzir uma educação de qualidade, jamais iremos conseguir desenvolver alguma transformação social através da educação, até por que o próprio significado de construção se caracteriza pela indeterminação e incerteza.

Em meu entendimento esse equilíbrio do professor com relação aos aspectos relacionais e formais de sua prática pedagógica, dá credibilidade ao educador possibilitando que o aluno o veja também como um cidadão, que manterá essa coerência em suas ações na sociedade. Portanto essa capacidade é uma das características do bom professor, pelo fato de acrescentar uma autoridade ética e moral ao professor, tornando possível distinguir em quais os momentos de sua prática determinadas posturas deverão ser mais enfatizadas.

Porém já apresentamos dados empíricos que sustentam que, dependendo da habilidade do professor em criar ambientes favoráveis à aprendizagem, determinadas disciplinas em que a maioria dos alunos apresenta dificuldades o aprendizado transcorre com naturalidade, tendo em vista que o ambiente em torno do processo educativo deslocou o foco conteudista da prática do professor, para um enfoque que valorizava mais o envolvimento criado com o grupo. Esse aspecto é facilmente reconhecido na declaração de uma aluna, “minha professora cria um clima especial que faz a gente perder o medo de perguntar, parece mágico, a gente nem se dá conta que esta estudando química” (11,14).

Entendo que ao construir com a turma um ambiente mais envolvente o professor tem condições de avançar na própria racionalidade de sua disciplina, pois da mesma forma que o aluno é motivado pela postura de seus professores, o educador também se sente desafiado a apresentar um trabalho de melhor qualidade quando a sua turma demonstra mais interesse.

Este enfoque não tem o objetivo de afirmar que todos os conflitos do processo educativo são resolvidos com facilidade, além de que nem sempre é possível o estabelecimento de climas tranquilos e favoráveis à aprendizagem, bastando apenas que o professor se disponha a isto. Sempre é importante lembrarmos que ao desenvolvermos práticas pedagógicas que contemplem a intervenção do outro, parte-se do princípio de que iremos conseguir a sua adesão à concepção educativa que defendemos se desenvolvermos uma prática coerente.

Sob o enfoque de uma concepção educacional que habilita o aluno para produzir alterações sociais, os conflitos são vistos como oportunidades e a necessidade do estabelecimento de um relacionamento interpessoal satisfatório não têm o objetivo de “domesticação” ou de manter a turma sob controle, porém visa o estabelecimento de consensos provisórios construídos com o grupo a partir de uma argumentação cada vez mais elaborada.

Mas não se pode esquecer que os professores possuem as suas “receitas” para o enfrentamento com os alunos, resultado de anos de “experiência”, e das suas formações acadêmicas. Vale lembrar que a experiência sem reflexão em nada contribui com a construção do conhecimento, pois nossos alunos nunca são os mesmos, e, portanto não tem sentido a repetição de procedimentos que causaram reprovação de muitos alunos. No entendimento de D’Ambrósio “após um período de repetição

esgota-se a nossa capacidade criativa, o que torna insustentável a velha idéia de quanto mais vezes faz, melhor faz”(1997, p. 96).

Na verdade os professores travam uma luta pela manutenção de sua hegemonia e pelo controle do conhecimento na escola. Percebe-se esta preocupação nos comentários e recomendações feitos pelos educadores mais experientes, aos mais jovens que estão chegando à escola. “Cuidado com determinada turma, não mostre os dentes, vá logo dando conteúdo, caso contrário eles dominam você”.

Este tipo de recomendação é uma forma de confessar que o professor em alguns casos faz uso da formalidade dos conteúdos específicos de sua disciplina para manter a turma sob controle, dando a entender ser necessário manter uma espécie de “reserva” com relação aos seus saberes, no sentido de ficar sempre com uma “carta na manga”, algum exercício mais complicado para lançar mão em caso de necessidade tanto de afirmação pessoal ou de domínio da turma.

Uma postura desta natureza revela que a insegurança do professor deve-se as suas concepções educacionais, que compreendem o pensamento divergente como sinônimo de indisciplina, se fazendo necessário recorrer a esse tipo de instrumento para manter o controle da turma.

Sob esta concepção do professor é que muitas vezes as atitudes interrogativas dos alunos, com perguntas de seus interesses, são consideradas como inadequadas e em conseqüência são relegadas ao descaso, com afirmações do tipo; “vamos voltar ao que é mais importante”. Na maioria das vezes, este professor é do tipo que domina muito bem o conteúdo de sua disciplina, e a turma sempre está sob seu controle, pois conforme sua concepção ele entende que sabe o que seus alunos precisam

aprender. Nesse caso conflitos e interrogações praticamente não existem em suas aulas e o relacionamento interpessoal é restrito a conversas a respeito dos conteúdos.

Esse é o cotidiano de uma aula transmissiva, que visa a simples instrução, onde as ações pedagógicas do professor não contemplam a intervenção dos alunos, a não ser para seguir a linha de raciocínio do professor; qualquer resposta fora dos padrões definidos possui o significado de dificuldade de aprendizagem e fracasso escolar.

Estes são exemplos de procedimentos pedagógicos que ainda estão presentes em grande parte de nossas escolas, fazendo com que elas em nada se pareçam com um local convidativo onde o aluno goste de permanecer. Entendemos que a partir do momento em que tornarmos a escola um local agradável, o desenvolvimento de climas satisfatórios a aprendizagem irão surgir com naturalidade, pois na medida em que o professor gosta do que faz, a busca pelo entendimento adquire sentido, passando a existir um maior envolvimento com o trabalho que está desenvolvendo. A partir desses aspectos, nos tornamos mais dedicados e estaremos sempre procurando investir na formação continuada, como forma de melhorar o nosso desempenho profissional.

6.4 O gostar da profissão como forma de construir o entendimento

Muitas são as questões que exercem influência em nossa prática pedagógica, dentre elas podem ser destacadas: a organização da escola, a participação da comunidade escolar, o grupo de professores, os alunos, as condições de trabalho e a valorização da profissão, porém considero determinante para o bom desempenho do professor, a necessidade de desempenhar com satisfação o seu trabalho, que o professor goste do que faz.

Sentir-se bem no trabalho que desenvolve não é uma necessidade exclusiva dos professores, porém pela complexidade da função educativa, o educador precisa ter o domínio dos aspectos relacionais de sua disciplina específica, e mantê-los em equilíbrio com os aspectos relacionais que dizem respeito aos valores e atitudes, que são determinantes para a construção de uma sociedade mais coerente. Nesse aspecto acreditamos ser de fundamental importância que o professor assuma que exerce a profissão por opção, e que a sua ação pedagógica evidencie esta escolha.

Nesse sentido encontrar satisfação no trabalho que desenvolvemos torna-se uma das razões para reconhecermos nas pessoas, potencialidades que seriam desconsideradas caso estivéssemos centrados apenas em nossas necessidades. Merece destaque o fato de que os alunos possuem consciência que o sucesso de suas aprendizagens, bem como o ambiente favorável de sala de aula, não é responsabilidade apenas do professor, uma aluna reconhece que “a responsabilidade pelo aprendizado do aluno bem como a ordem na sala, não depende somente do professor, mas exige também o interesse e esforço do aluno” (11.29).

A concepção de construir conhecimentos é um processo que por definição precisa considerar os saberes de quem participa nesse sentido o prazer, a alegria e a descontração na sala de aula, tem a ver com o espaço destinado aos envolvidos com o processo pedagógico. Um estudante destaca que

“o que dá mais prazer ao aluno, é saber que a professora cede o espaço que a gente necessita além de considerar o que a gente sabe” (8.1).

Quando o professor desenvolve com a turma, atividades que não visem apenas os resultados imediatos, e investe na possibilidade de transformação, o conhecimento adquire um caráter de provisoriedade, despertando a curiosidade dos alunos, ao mesmo tempo em que o professor também é desafiado a sair de rotinas pré-estabelecidas. Nesse sentido Assmann defende que “uma boa aula admite perfeitamente testemunhos acerca de descobertas, pessoais ou em grupo, oriundas da ativação da curiosidade” (ASSMANN, 2004, p. 159).

Na maioria absoluta das falas dos alunos, os seus melhores momentos na escola estiveram ligados às atitudes de empatia dos seus professores, e mesmo deixando evidente a importância da aprendizagem dos conteúdos das disciplinas técnicas, suas lembranças mais significativas dizem respeito a posturas e características, que facilitaram o surgimento de sentimentos como; amizade, alegria, atenção, o clima gostoso da sala de aula, além do caráter dos seus mestres. “Meu professor é simples e companheiro” (13.13). “Ela gosta do que faz, por isso faz bem feito” (24.10). “A professora se parece muito com os alunos é igual a eles” (6.6). “É gostoso de ouvir ele falar” (18.7).

As declarações dos estudantes demonstram que os bons momentos na escola estão ligados aos vínculos relacionais que desenvolveram, além de que a identificação é mais intensa quando o aluno conviveu com momentos prazerosos em sua vida escolar. Esta situação demonstra que a escola passa a ser um ambiente que aproxima as pessoas pelas relações emocionais que propicia, pois “quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender

o sentimento alheio” (GOLEMAN, 1995, p. 109). É devido a este enfoque emocional das nossas ações interativas que prática a pedagógica do professor, consegue agregar tantos significados.

Esse contexto reforça a importância dos valores relacionais na prática do professor, qualidades nem sempre destacadas quando avaliamos os projetos pedagógicos das escolas, nesse sentido não se constitui em surpresa que ao desenvolvermos uma análise sobre a classificação das melhores escolas, a racionalidade dos currículos escolares seja mais valorizada perante a sociedade.

Isso de acordo com D’Ambrósio “é o resultado das práticas associadas que muitos chamam de modernidade, que sempre procura salvar as principais características do pensar disciplinar” (1997, p. 15). Portanto é necessário que a educação supere a visão estreita da racionalidade para poder tornar-se mais inclusiva, passando a valorizar atitudes que compreendam o ser humano de forma mais ampla.

6.5 Quais as características do professor inclusivo - A identificação do outro

Nossos relacionamentos são constituídos por escolhas pessoais. Conseqüentemente tanto a aproximação ou o afastamento das pessoas implica o reconhecimento do outro. Nesse sentido é que a prática pedagógica do professor não pode ser constituída de verdades absolutas, se tiver por objetivo o reconhecimento do outro com seus saberes, ou seja, é necessário que se reserve espaço para que o

conhecimento das pessoas, com as quais interagimos seja considerado. De acordo com Pimentel, (2005, p. 47), “num mundo em transição, na crise do paradigma das certezas absolutas, na emergência do novo, não há, realmente, um único jeito de e fazer as coisas”.

Sob este aspecto a questão da inclusão dos saberes dos alunos em nossas aulas não pode ser medida pela ausência de conflitos, pois são exatamente as idéias e posicionamentos divergentes que nos libertam da dominação e dos preconceitos, pela possibilidade de confrontação das nossas convicções. Portanto a visão da inclusão passa a ser uma necessidade para a superação de verdades estabelecidas, devendo servir como uma utopia a ser perseguida.

Frente a este desafio pretendemos abordar as características das práticas pedagógicas inclusivas e a identificação do outro no processo educacional, considerando alguns temas como: a) a necessidade do professor acreditar na possibilidade de aprender a aprender; b) o investimento na formação constante do educador como forma de superar concepções ultrapassadas; c) a necessidade de contagiar o grupo envolvido com o processo educativo a partir de uma prática coerente com as concepções educacionais do professor, que precisarão ser sustentados por uma prática pedagógica equilibrada.

Os aspectos destacados no parágrafo anterior serão utilizados como eixos de ligação, com o tema central deste trabalho de pesquisa, por entendermos que eles contemplam todos os aspectos levantados nas participações dos alunos, nos possibilitando um melhor aproveitamento das falas dos mesmos.

Percebe-se que conforme o entendimento dos alunos, a atuação do professor em um processo educacional inclusivo é de fundamental importância, pelo fato de que uma maior diversidade de co-

nhecimentos envolvidos no processo educacional faz com que a necessidade de equilibrar os aspectos formais e relacionais de sua prática pedagógica, ganhe ainda mais relevância, pois conforme Pimentel isso irá possibilitar que a educação seja vista como possibilidade e não como ato de conformação, “com menos certezas, mas buscando, em sua práxis a coerência das verdades descobertas” (2005 p. 34).

6.5.1 É possível aprender a aprender?

Encontramos com frequência na literatura pedagógica, ou ouvimos em cursos de aperfeiçoamento, que o importante é aprender a aprender, como se isso pudesse ser executado num passe de mágica. Na verdade a escola e suas tradições escolásticas nos bitolam e oferecem muita resistência às mudanças, e vencer esta série de condutas enraizadas na própria sociedade exige muita dedicação e competência profissional.

Acreditamos que tanto os dados empíricos como os teóricos deste trabalho, nos apontam caminhos que consideram uma necessidade a inclusão de mais pessoas no processo educacional, pelo fato de que a população de uma maneira geral, acredita que a partir da educação elas terão acesso a uma sociedade mais justa e equilibrada.

Fala-se muito em concepções pedagógicas que consideram os saberes dos alunos, porém na maioria das nossas escolas o professor ainda é o detentor absoluto do conhecimento, o aluno continua sentado em fila, olhando para as costas do colega e as interações do processo pedagógico estão sob o domínio exclusivo do professor, e em sua grande maioria das dificuldades de aprendizagem dos alunos são atribuídas a problemas individuais dos alunos.

Na verdade nossos procedimentos pedagógicos continuam embasados, na instrução e controle, indicando que ainda nos sentimos inseguros sobre a necessidade de incluir os saberes dos alunos, isso porque, os conhecimentos são entendidos como certezas definitivas, concepção que sustentou nossa formação acadêmica, além de que a experiência adquirida nos anos de prática como professor com pouca ou nenhuma reflexão sobre o processo pedagógico, consolidou cada vez mais esta concepção.

Se desenvolvermos uma análise preliminar, iremos perceber que a sociedade reconhece o professor como alguém que já aprendeu. Isso de certa forma reforça o seu entendimento de que ao terminar a graduação acabam-se as dúvidas, e com naturalidade e respaldo social nos sentimos aptos a ensinar, e passamos então a distribuir receitas através de procedimentos que conforme nossos entendimentos farão os alunos aprenderem. Esse hábito tornou-se uma espécie de regra, fazendo parte da rotina dos professores, tornando muito difícil para o próprio educador compreender o processo educativo sob uma outra ótica.

O certo é que não sabemos bem como agir, para ceder espaço aos saberes dos outros em nossas aulas, nas quais mantemos o monopólio absoluto sobre o que o aluno precisa aprender, pois de acordo com Arroyo quando “somente os professores conheciam as cartas e decidiam as jogadas. Ganha-

vam todas. Quando os alunos foram entrando em jogo e dando as suas cartas, tivemos que reaprender um jogo mais coletivo e dialogal” (2004 p. 92).

Essas análises nos dão a amplitude das dificuldades para a alteração de nossas práticas pedagógicas, pois antes de qualquer mudança se faz necessário que o professor construa suas concepções educacionais, dentro de um panorama mais amplo que contemple uma visão dinâmica das interligações com o todo, condições sociais, cultura e valorização dos saberes dos outros. De acordo com Moraes, (2005, p. 10), “juntamente com a qualidade política é também essencial à qualidade formal, a concretização de atividades científicas com o rigor metodológico”.

Para o enfrentamento dessas realidades surge a necessidade de encararmos nossas formações como provisórias, pois ainda enfrentamos muitas dificuldades para vencer o preconceito e admitir que muitas vezes tenhamos dúvidas com questões da nossa disciplina específica. Um olhar um pouco mais minucioso sobre as reflexões que falam sobre o conhecimento desenvolvido pela escola, nos faz perceber que o enfoque inicial em nossas aulas, quase sempre é desenvolvido considerando os conhecimentos formais, isso mostra que mesmo inconscientemente o próprio educador dá mais destaque a racionalidade dos conhecimentos, e que a questão relacional não necessita de maiores investimentos.

6.5.2 A formação continuada como forma de superar concepções ultrapassadas.

O paradigma emergente altera a forma de encarar os problemas para os quais a racionalidade não consegue apresentar soluções. Para podermos nos aventurar no entendimento da complexidade dos relacionamentos das pessoas é necessário que o ser humano seja visto como parte do processo de construção do mundo no qual está inserido, pois conforme Marques “entrar no cenário epistemológico da complexidade implica compreender que o conhecimento, qualquer seja ele, é limitado e não oferece garantia absoluta de entendimento completo e definitivo sobre algo” (2002 p. 99). Sem esta visão mais ampla as pessoas irão permanecer as margens dos benefícios proporcionados pelos avanços da ciência e de conquistas sociais, comprometendo a própria função social da escola.

O equilíbrio entre as habilidades relacionais e formais do professor torna-se uma postura que poderá evitar que em um século onde mais se avançou cientificamente, o ser humano continue apresentando dificuldades de entendimento com o seu semelhante. Sobre este tema Arroyo ressalta que, “não é suficiente sermos expertos nos saberes de nossas áreas e sermos ignorantes dos significados sociais, humanos de suas vidas” (2004 p. 86).

Nesse sentido é que a escola precisa educar para o enfrentamento das incertezas, pois são exatamente as situações de desequilíbrio que irão desencadear os processos de aprendizagem, portanto a necessidade de olhar a prática pedagógica dos professores a partir de uma visão inclusiva produz alterações em nossas posturas e formas de controle dos alunos.

A função do educador nesta visão passa a ser a de criar perturbações, provocar desequilíbrios e, ao mesmo tempo, colocar certo limite neste desequilíbrio, propondo situações-problema, desafios a ser vencido pelos alunos, para que possam construir conhecimento e, portanto, aprende (MORAES, 1997, p. 144).

A sociedade está aí a exigir uma reflexão sobre os procedimentos educativos, tendo em vista as constantes transformações sociais. Nesse sentido é que valorizar as questões atitudinais passa a ser uma necessidade para as próprias funções educativas da escola, que a partir daí poderá perceber o seu aluno de uma forma mais ampla e atacar a questão da significação social da educação.

Não podemos ser ingênuos a ponto de afirmar que pelo fato das habilidades relacionais apresentarem alternativas que ultrapassem o campo de entendimento da racionalidade, os problemas educacionais serão resolvidos com facilidade. Porém entendemos que é a partir do equilíbrio destes aspectos essenciais na prática pedagógica do professor, que iremos evitar a construção de uma sociedade excessivamente demagógica, e em contrapartida que as conquistas científicas não se traduzam em melhoria para a população.

Precisamos ter a compreensão de que ao propormos mudanças na atuação pedagógica dos educadores, incentivando a utilização de práticas mais dinâmicas e contextualizadas, muitas são as resistências a serem vencidas, pois é bastante comum se ouvir dos professores afirmações do tipo: “e agora o que vou ensinar se não posso mais dar conteúdo?”.

Essa visão do professor reflete a precariedade de sua formação, que entende que a racionalidade da sua disciplina se constitui em verdades absolutas, e na única fonte de conhecimentos, o que impede que a sua prática ajude a construir algum significado para os alunos, por desconsiderar que os aspectos relacionais de sua formação também precisam merecer os mesmos investimentos que os aspectos formais.

Por falta deste equilíbrio em nossas formações, ao nos defrontarmos com a necessidade de uma abordagem diferenciada, sem o foco exclusivamente disciplinar, não sabemos como agir. Por esta razão as competências docentes estão diretamente ligadas à capacidade do professor se relacionar bem com os alunos, pois a partir disso a prática pedagógica estará equilibrando a racionalidade das disciplinas com as habilidades relacionais do educador, pois entendemos que o aspecto emocional do trabalho docente depende muito do clima apropriado desenvolvido por um bom relacionamento com a turma. Este equilíbrio defendido evita um enfoque desproporcional de um dos aspectos sobre o outro, o que iria descaracterizar a intencionalidade do ato educativo e comprometer as funções da escola.

A seguir, apresentamos um diagrama que mostra de forma simplificada como as competências do professor estão diretamente ligadas a toda e qualquer ação pedagógica que ele venha a desenvolver, sendo que consciente ou inconscientemente muitas vezes os aspectos dessa prática pedagógica são desenvolvidos ora privilegiando um ou outro extremo, sendo que a necessidade do equilíbrio torna-se evidente, caso a intervenção do professor visar uma construção coerente.



A partir disso, entendo não ser suficiente enfatizar que o importante é aprender a aprender, é preciso que tenhamos inicialmente a formação adequada para o entendimento das implicações que essa postura irá exigir dos professores. Também muito pouco contribui afirmarmos que dar aulas é algo ultrapassado, se é apenas isso que o professor sabe fazer. Entendemos também que tão importante quanto estas questões, é que a prática pedagógica do professor seja coerente com a visão de homem e de sociedade que precisa ser construída.

Uma das implicações da formação continuada é que ela nos possibilita diferentes olhares sobre a complexidade das questões educacionais, e isso permite e incentiva o educador a busca de novas formas de entendimento sobre todo processo educativo, que é dinâmico e precisa alterar-se conforme as realidades dos estudantes, pois a partir de temas geradores e de seus interesses, torna-se possível trabalhar de maneira ampla e também aprofundar os conteúdos específicos, enfatizando as suas implicações sociais, Conforme Marques;

Constituem-se as relações do aprender a aprender junto na proximidade, na imediatez, no encontro face-a-face, ou melhor, ouvido-a-ouvido, pois mais que no mundo que os olhos percebem, fundam-se as aprendizagens no mundo em que os homens ouvem uns aos outros, postos à escuta das vozes que os interpelam”(2002, p. 128).

O aprender a aprender passa a ser uma questão de atitude do professor, que através de uma postura crítica assume a responsabilidade pela sua formação, e submete a sua prática pedagógica a reflexão constante. Vale lembrar que o professor passa a investir em sua formação quando gosta do que faz, pelo fato de sentir a necessidade de ser coerente com as suas concepções educacionais, que precisam estar em conformidade com sua postura ética na sociedade.

Nesse sentido é que os educadores não mais irão se sustentar frente à complexidade do processo educativo contando apenas com as suas formações iniciais é necessário que aliado a este estudo propedêutico, o professor sinta-se constantemente desafiado a refletir sobre a sua prática, isso fará com que os educadores mantenham-se vigilantes e conscientes da necessidade de atualização periódica.

Consideramos ser importante ressaltar que o professor, mesmo consciente das necessidades de um investimento maior em sua formação, como forma de promover o equilíbrio entre as habilidades formais e relacionais, não conseguirá provocar alterações bruscas e radicais em suas práticas pedagógicas, tendo em vista que a escola faz parte de uma sociedade e, portanto as nossas ações se desenvolvem dentro de um processo de construção social, sendo necessário que o crescimento individual adquira suficiente convicção a ponto de conseguir aliados para transformar-se em uma construção coletiva.

6.5.3 Conseguindo aliados para o que acreditamos

Nossas convicções e atuações pedagógicas nem sempre andam juntas, tendo em vista que cada um de nós possui suas próprias concepções, até por que nossos relacionamentos incluem os outros sempre com ressalvas como forma de preservar a nossa liberdade individual.

Nesse sentido, é que a questão de ver o mundo sob uma outra ótica mais fraterna está intimamente ligada à questão da satisfação pessoal. Portanto ficamos mais suscetíveis ao reconhecimento do outro e a atitudes solidárias, a partir do momento que as nossas necessidades básicas estão sendo atendidas, em outras palavras, fica mais fácil ser solidário quando nos sentimos bem em nosso meio social.

Uma nova concepção se estabelece, a partir do momento em que seus pontos fortes nos fornecem um maior número de possibilidades sobre as questões que queremos explicar e, dessa forma adquire mais adeptos, mesmo assim as concepções que foram superadas continuam a fazer parte de nossas práticas, por hábito ou pela dificuldade de abertura as propostas inovadoras.

Este trabalho de pesquisa traz subsídios que demonstram não ser mais possível, que o professor consiga construir conhecimentos que tenham poder de transformação social, se a sua formação estiver embasada apenas nos aspectos técnicos de sua disciplina, nem tampouco se a sua prática for centrada exclusivamente nas condutas provenientes das habilidades relacionais do educador.

Nesse sentido tão importante para o professor, quando dominar os conteúdos de sua disciplina, é o equilíbrio destes dois aspectos, que possibilita tanto a construção de um clima adequado na sala de aula, como também um bom relacionamento na sociedade na qual o aluno faz parte. Pois de acordo com Vallejo “a finalidade não é chegar a uma espécie de” intimidade “com a classe, mas encurtar distâncias entre nós, e que sejamos vistos” como pessoas, “além de professores” (1998 p. 102).

Nesse sentido é que a abertura por parte da escola possibilita a alteração de procedimentos pedagógicos fechados, e dessa forma proporciona a inclusão dos alunos em um mundo até então desco-

nhecido, pois de acordo com Moraes, “quando os alunos ajudam a escolher o que vai ser trabalhado, eles estarão mais motivados”. (2005, p. 6). Podemos afirmar que ao valorizar os conhecimentos dos alunos e planejar sua aula em função dos seus interesses, o professor constrói ambientes de diálogos e a partir disso obtém resultados satisfatórios em turmas onde educadores com práticas tradicionais, continuam apresentando dificuldades de relacionamento.

6.6 A construção de consensos provisórios

É de fundamental importância que a inclusão das pessoas não se torne uma tarefa a ser desenvolvida apenas pela escola, da mesma forma que o relacionamento interpessoal não pode ser considerado apenas como um investimento individual do professor. É necessário que escola também passe a valorizar e avaliar o seu desempenho em função de concepções educacionais inclusivas.

Também não podemos esperar que todos os conflitos da sociedade sejam resolvidos a partir da intervenção da escola. Porém estabelecer elos entre o aprendizado da vida com os saberes da escola é uma forma de falar a mesma linguagem do aluno, valorizando as suas construções que se desenvolvem fora da escola, pois de acordo com Arroyo “todas as experiências na escola ganharão significado quando articuladas ao processo global de desenvolvimento do indivíduo e não concebidas como um conglomerado de experiências independentes vividas exclusivamente no âmbito escolar” (2004 p. 249).

A busca deste equilíbrio se faz necessária para que os educadores consigam entender quais foram as praticas desenvolvidas por eles que afastaram seus alunos da escola, e que mesmo assim estas pessoas conseguiram desenvolver com êxito seus projetos pessoais.

É importante ressaltar que muitos desses alunos que abandonam a escola, não conseguem um bom desempenho individual. O exemplo disso se reflete no aumento de empregos informais, na favelização, e no tráfico e consumo de drogas. Esses são apenas alguns dos problemas desta exclusão lícita que uma prática descontextualizada provoca, originando uma sociedade paralela que está organizada conforme normas próprias estabelecidas pelo grupo dos envolvidos, em que se aprende apenas o que tem ligação com as necessidades do cotidiano.

A educação desenvolvida pela escola não consegue explicar como famílias pobres possuem um número elevado de filhos, apesar de todas as campanhas de esclarecimento desenvolvidas através da mídia e da própria escola. Embora esse não seja um problema específico da escola, é ela quem terá que proporcionar educação a estas crianças.

Esses problemas se constituem em exemplos de que temas dessa natureza não podem continuar a margem da escola, pois neste contexto, mais importante para o aluno do que aprender determinados conteúdos é que a escola torne-se eficiente no sentido de evitar uma gravidez precoce, e não permitir que ele permaneça na escola com fome.

Neste aspecto destaca-se a importância do envolvimento da escola com os problemas reais dos alunos, pois é inerente ao ser humano volta-se inicialmente para as necessidades mais imediatas. Enquanto a escola se mantiver distante destas realidades iremos continuar com práticas pedagógicas

que excluem os alunos que mais necessitam da educação, ao mesmo tempo em que beneficiam os outros que aprenderiam sem ela. Conforme Moraes “a superação dessas condições requer um pensamento com muita flexibilidade, criatividade e grande capacidade inovadora” (1997 p. 88).

Isso de certa forma explica o pouco tempo que temos para os outros. Andamos sempre apressados, não ouvimos as pessoas e suas necessidades, o que importa é que o nosso trabalho seja desenvolvido, os conteúdos sejam dados sem muita preocupação com a aprendizagem, a quantidade é o que nos interessa, pois a qualidade só tem sentido se existir preocupação com o outro.

Apesar de todos estes problemas que a escola enfrenta os alunos além de a valorizarem, acreditam que ela ainda se constitui na única maneira deles serem alguém na vida. Esse aspecto é constatado, se analisarmos a tristeza dos alunos mais pobres que estão terminando o ensino médio e sabem que não terão condições de continuar estudando.

Essa decepção é maior, pelo fato de que eles estão saindo da escola e “ainda não são alguém na vida”, e isso de certa forma é o maior motivo de frustração, pelo fato de que as melhorias individuais que esperavam que surgissem a partir da escola não se concretizaram.

Frente a este desafio, quanto maior a amplitude da abertura proporcionada pela escola com relação à participação dos alunos, e quanto maior for o equilíbrio entre as habilidades formais e relacionais do educador, mais condição terá a escola para aproximar suas práticas das necessidades dos seus alunos, reservando espaço em sua proposta pedagógica para a construção momentos de diálogo, onde todos poderão participar das conversas, referente ao que está sendo desenvolvido na sala de aula, pela criação de grupos integrados pelo respeito e amizade, sempre com a valorização de todos.

Ao concluir este trabalho de pesquisa enfatizamos que o relacionamento interpessoal que o professor desenvolve em suas atividades docentes, irá nortear todo seu trabalho pedagógico, pois a partir da construção de um clima gostoso que possibilite a inclusão do aluno, o professor conseguirá por em pratica todo um rol de competências indispensáveis ao processo educativo.

Ao valorizar os conhecimentos dos alunos, o professor desenvolve uma reflexão sobre a sua prática pedagógica, e enfrenta o desafio de rever suas concepções de forma sistemática, possibilitando que sua ação docente desenvolva o equilíbrio entre suas habilidades formais e relacionais de educador, fazendo com que ele sintase bem em sua profissão. A partir disso o investimento em sua formação se dará com naturalidade, pelo fato de que sempre desejamos melhorar nosso trabalho, quando sentimos prazer em desenvolvê-lo.

7 CONCLUSÃO:

SINTONIZANDO AS FREQUÊNCIAS - COMO O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL SE TRANSFORMA NA PRINCIPAL COMPETÊNCIA DO PROFESSOR?

Ao realizar este trabalho de pesquisa, me propus a desenvolver uma reflexão sobre as competências indispensáveis para o professor enfrentar de maneira satisfatória as complexidades do processo educativo na atualidade. Frente ao desafio de concluí-lo, destaco que tal como um dos objetivos deste trabalho consistiu em estabelecer uma espécie de cruzada contra práticas pedagógicas fechadas e pré-determinadas, não poderia ao seu final apresentar subsídios que encerrassem a discussão sobre o problema proposto.

Nesse sentido, entendemos que a discussão apenas começou e muito mais do que resultados a apresentar, o trabalho se consolida pela caminhada desenvolvida em sua elaboração. Durante o caminho em que desenvolvemos esta pesquisa, na análise das falas dos alunos ou nas leituras desenvolvidas, enxergava a mim mesmo. O aprendizado maior se constituiu

em compreender que tais quais os nossos problemas, as possíveis soluções também necessitam serem construídas e são provisórias. Portanto este trabalho diminuiu minhas certezas, na mesma proporção que despertou minha curiosidade.

Procurei a partir de subsídios empíricos, ancorados em bibliografias consistentes, responder a questão de como o professor pode a partir de um relacionamento interpessoal satisfatório, fazer fluir com naturalidade todo um repertório de competências, que irá lhe possibilitar desenvolver uma prática pedagógica que mantenha o equilíbrio entre os aspectos formais e políticos do conhecimento.

A análise dos dados presentes neste relatório encaminha possíveis respostas à questão apresentada pelo trabalho, que se teve a preocupação em desenvolver reflexões, no sentido de que os pressupostos básicos orientadores da prática pedagógica do professor necessitam de climas agradáveis entre os envolvidos com o processo de construção do conhecimento, pois entendemos que a partir do momento em que o professor consegue estabelecer com seus alunos espaços para conversas, criam-se as condições para a inclusão dos saberes alheios distintos dos nossos, reconhecendo que os procedimentos e a postura do educador alteram-se em função disso.

Ainda em função da análise dos dados coletados, percebemos que a preocupação dos alunos em relação à atuação dos professores está relacionada a práticas pedagógicas que enfatizam exclusivamente o caráter formal das disciplinas, ao mesmo tempo em que outras se caracterizam pela ausência quase que absoluta desses mesmos parâmetros.

Conforme foi possível perceber, por diversas vezes as falas dos alunos demonstraram a necessidade de equilibrar estes dois fatores extremos do conhecimento, mas absolutamente necessários para evitar que as pessoas tornem-se individualistas e valorizem excessivamente os conteúdos e procedimentos pré-determinados. O equilíbrio entre o racional e o emocional atuaria como um terceiro ponto, que daria sustentação e complementaria os aspectos anteriores, pois entendemos que o professor ao desenvolver práticas mais coerentes, torna-se aberto aos saberes diferentes dos seus e dessa forma cria-se à possibilidade de intervenções concretas na sociedade.

Em seu fechamento a pesquisa realizada permite apontar de modo especial três elementos:

1) A preocupação dos alunos com a racionalidade dos conhecimentos que fazem parte do currículo escolar exige um olhar mais crítico sobre a formação do professor. Esta perspectiva evidencia as dúvidas mais freqüentes dos alunos com relação à capacidade do professor, em desenvolver os conteúdos das disciplinas específicas, com o devido aprofundamento que irá habilitar os alunos, para o enfrentamento de provas e concursos que a legislação determina. Na análise destes dados, mostramos a importância de uma formação sólida do professor no aspecto formal dos conhecimentos, como forma de passar segurança e credibilidade ao aluno pela sua capacidade de domínio das especificidades de sua disciplina. É importante destacar que a ênfase nos aspectos formais do conhecimento se evidencia com mais clareza em uma visão tradicional da educação, que se limita a ensinar através de receitas já determinadas a priori, visando à manutenção das situações sociais vigentes, não entendendo a educação como construção e possibilidade de ações transformadoras.

2) Que esta abertura do professor em demonstrar preocupação com os saberes dos alunos passe a ser entendida como uma oportunidade de inclusão, além de demonstrar a necessidade de considerar os conhecimentos dos alunos, como forma de integrarem os saberes que a escola professa. Esse enfoque que destina espaço para ouvir os envolvidos com o processo educativo possibilita mudanças em práticas pedagógicas fechadas, mostrando que o professor considera o contexto do seu aluno quando desenvolve as suas atividades docentes. A partir desta ênfase nos aspectos relacionais do professor, procuramos mostrar que o aspecto racional do conhecimento com todo o seu avanço científico, por mais contundente que seja deixa sem resposta questões que dizem respeito aos problemas de aprendizagens e de entendimento entre as pessoas, e que por falta de um olhar sobre os contextos nos quais os alunos se inserem, os aspectos formais desvinculados do contexto dos alunos provocam o seu afastamento da escola, além de causar uma espécie de frustração e incapacidade, pelo fato dele não dominar conhecimentos considerados fundamentais pela escola, para poder integrar a sociedade. A educação sendo enfocada sob a ótica do relacionamento entre as pessoas, torna o processo educativo mais concreto, pois a postura do professor passa a ter conseqüências diretas e imediatas nas atitudes dos alunos, ligando-se a climas e ambientes fraternos que melhoram as pessoas mutuamente. Sem este olhar a educação torna-se estéril e afastada dos problemas cotidianos.

3) A partir destes dois aspectos demonstro que nenhum deles se sustenta isoladamente na construção de pessoas éticas e coerentes, sendo necessário um intercâmbio dinâmico e equilibrado para sustentar uma prática pedagógica do professor mais consistente e com condições de evitar concentrações excessivas que privilegiem um aspecto em detrimento do outro. Essa idéia do equilíbrio é considerada como fundamental não só para o bom andamento das aulas, mas principalmente pela construção de um conhecimento que tenha condições de produzir intervenções na sociedade, alterando posturas e concepções das pessoas tornando-as mais comprometidas com os seus semelhantes.

Além disso, as características do educador contemporâneo mostram-no como alguém que gosta do que faz, e que tem consciência de sua incompletude demonstrando ser um eterno aprendiz. Entendo que as características que tornam as pessoas mais coerentes, só irão conseguir sustentação a partir de um equilíbrio sadio entre o racional e o emocional, nesse sentido o equilíbrio defendido se origina de um relacionamento interpessoal que modifica o estado de espírito dos envolvidos, e o fato de nos relacionarmos melhor com os outros, passa a se constituir na essência de uma educação mais humana, onde se ensina sem soberba ao mesmo tempo em que se aprende com satisfação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Ed.Vozes: Petrópolis-RJ. 2001.

_____ **Como Transformar informações em conhecimento**. Ed.Vozes: Petrópolis-RJ. 2001.

_____ **Relações Interpessoais e auto-estima - A sala de aula como um espaço do crescimento integral**. Ed. Vozes: Petrópolis-RJ. 2003.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. Ed. Vozes: Petrópolis- RJ.2003.

_____ **Curiosidade e prazer de aprender**. Ed.Vozes: Petrópolis-RJ. 2004.

ASSMANN, Hugo. JUNG Mo Sung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Ed. Vozes: Petrópolis-RJ. 2000.

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Ed.Vozes: Petrópolis-RJ. 2004.

CAPRA, Fritjof. **O tão da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. Trad.José Fernandes Dias. Ed. Cultrix: São Paulo-SP. 1983.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. Editora Gente: São Paulo-SP. 2001.

_____ **Pedagogia do Amor**. Editora Gente: São Paulo-SP. 2003.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ed.Unijui: Ijuí - RS. 2000.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Ed. Papirus: Campinas-SP.2004.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Ed. Sextante: Rio de Janeiro: RJ. 2003.

_____ **Nunca desista de seus sonhos**. Ed. Sextante: Rio de Janeiro-RJ. 2004.

D`AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. Ed. Palas Athena: São Paulo-SP. 1997.

_____ **ABC iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. Ed. Papirus: Campinas – SP. 2002.

_____ **Educar pela pesquisa**. Ed.Autores Associados: Campinas-SP. 2003.

_____**Universidade, aprendizagem e avaliação:** horizontes reconstrutivos. Ed.Mediação: Porto Alegre-RS. 2004.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso.** TRad. J.Baptista. Ed. Martins Fontes: São Paulo – SP. 2004.

FREIRE, Paulo. **Poder, Desejo e Memórias da Libertação.** Trad. Márcia Moraes. Org. Peter Mc. Laren, Peter Leonard, Moacir Gadotti. Ed. ArtMed: Porto Alegre- RS.1998.

_____**Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Ed. Paz e Terra: São Paulo-RS.1996.

_____**Pedagogia dos sonhos.** Org. Ana Maria Araújo Freire. Editora Unesp: São Paulo- SP.2001.

_____**Ação cultural para a liberdade.** E outros escritos. Ed. Paz e Terra S.A: Rio de Janeiro-RJ. 2002.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional.** A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Trad. Marcos Santarrita. Editora Objetiva: Rio de Janeiro- RJ.1995.

GÓMES, Pérez, A.I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal/** A.I. trad. Ernani Rosa. Ed.Artmed: Porto Alegre- RS. 2001.

MALDANER, Otávio Aloísio. **A formação inicial e continuada de professores de química.** Ed. Unijui: Ijuí- RS. 2000.

MARQUES, Mario Osório. **Educação nas ciências:** interlocução e complementaridade Ed. Unijui: Ijuí-RS.2002.

MATURANA, R.Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana;** Trad. VER: Ed.Ufmg: Belo Horizonte- MG. 2001.

_____**R, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política.** Trad. José Fernando Campos Fortes. Ed.Ufmg: Belo Horizonte-MG. 1998.

MORAES, Roque. **Educação de professores de ciências -** uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores- Porto Alegre- UFRGS, 1991.

_____**A Pesquisa no Ensino e na Formação em Química.** MR1 -25º Edeq. Ijuí – RS. 2005.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Ed. Papirus: Campinas-SP.1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Ed. Cortez: São Paulo – SP. 2003.

_____ **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro-RJ. 2004.

PERRENOUD, PHILIPPE. **Escola e cidadania: o papel da escola na formação para a democracia**. Trad. Fátima Murad. Ed. Artmed: Porto Alegre- RS. 2005.

PERRENOUD, P. TRURLER, M. G. MACEDO, L. MACHADO, J. N. ALLESSANDRINI. D.C. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Trad. Claudia Schilling e Fátima Murad. Ed. Artmed: Porto Alegre- RS. 2002.

PAQUAY, L. PERRENOUD, P. ALTET, M. CHARLIER, È. **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais Competências**. Trad. Fátima Murad e Eunice Gruman. Ed. Artmed: Porto Alegre- RS. 2001.

PHILIPPE, Meirieu. **A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar**; trad. Fátima Murad. Ed. Artmed: Porto Alegre- RS. 2002.

PIMENTEL, Maria da Gloria. **O professor em construção**. Ed. Papyrus: Campinas – SP. 1993.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** Ed. Cortez: São Paulo – SP. 2002.

RESTREPO, Luiz Carlos. **O direito à ternura**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Ed. Vozes: Petrópolis- RJ. 1998.

REY, Bernard. **As competências transversais em questão** – Trad. Álvaro Manuel Marfan Lewis. Ed. Artmed: Porto Alegre- RS. 2002.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. Ed. Cortez: São Paulo- SP. 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Ed. Cortez: São Paulo- SP. 2003.

VALLEJO, Pedro Morales **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. Trad. Gilmar Saint`Clair Ribeiro. Ed. Loyola: São Paulo-SP. 2003.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Ed. Artmed: Porto Alegre- RS. 2003.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa/Como ensinar**. Trad. Ernani F. das F. Rosa. Ed. ArtMed: Porto Alegre-RS. 1998.

WEIL, Pierre. TOMPAKOW. Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Ed. Vozes: Petrópolis- RJ. 1981.

ANEXO A - Transcrição dos relatos dos alunos

1º Relatório

As aulas que mais me marcaram foram as de matemática, e de química. Essas aulas me marcaram pelo rendimento em sala de aula, mas principalmente pela dedicação e a forma dos professores dessas duas disciplinas se expressarem.

A matemática é muito importante para a nossa vida e para o nosso futuro, mas se o professor não tiver formas de se expressar e fazer com que os alunos entendam o conteúdo, ela se torna chata e cansativa, pois a matemática requer raciocínio e concentração para se chegar a uma resposta.

As aulas de química desse ano me despertaram grande interesse em aprender, pois a dedicação da professora fez com que eu perdesse o medo dessa disciplina, pois no ano passado eu fiquei em provão em química, e creio que o motivo foi a minha falta de interesse e também a forma com que a outra professora de química se expressava, pois eu muitas vezes tinha medo de pedir explicações e ganhar como resposta algo que me fizesse sentir constrangida diante dos meus colegas.

No meu ponto de vista um professor deve ser dedicado, saber se impor quando o aluno passar dos limites, mas também ser paciente com aqueles que demoram um pouco mais para assimilar o conteúdo, e acima de tudo entrar de bom humor na sala de aula.

2º Relatório

Desde o princípio do 2º grau até o 3º ano, todas as matérias foram importantes, mas acho que a matéria mais marcante foi física, devido aos métodos de ensino usados pela professora, desde abordagem, exemplos práticos e palavras simples de fácil entendimento.

Os melhores momentos na escola foram durante as aulas de física, pois a professora fazia a diferença, mesmo que os conteúdos fossem complicados, ela relacionava-os com nossa realidade. A professora fazia com que vivêssemos a aula, envolvendo os alunos e aumentando a participação da turma, demonstrando conhecimento e aprofundando todos os assuntos relacionados com a matéria.

Sou uma admiradora dos seus métodos de trabalho, procurando buscar o entendimento de tudo o que não entendia. A professora sempre me dispensou atenção e acredito que foi por esse motivo que tive bom aproveitamento em suas aulas e me tornei sua admiradora.

Era maravilhoso o seu jeito de entrar na sala, cumprimentando, conversando, demonstrando simpatia, nunca de mau humor, isto é o que mais admiro em uma professora ou professor, a capacidade em não misturar assuntos de casa ou particular com o trabalho escolar. Acho que isto devia estar em todos os educadores.

Seu relacionamento com a turma, sempre foi bom, pois os alunos gostam de ter algum espaço depois do trabalho para conversar, se distrair e ela sempre cedia este momento, sendo que logo retornávamos com mais energia para a aula, isto é, estudávamos com mais motivação.

Quando se aproximava uma data importante do ano letivo, como páscoa, natal ou férias, ela nos deixava uma mensagem importante, com o objetivo de nos fazer refletir sobre os acontecimentos do nosso cotidiano, valorizando os nossos sentimentos e as realidades boas ou ruins que temos que encarar.

A importância de uma aula bem estudada, completa é muito importante para os alunos, sendo que eles prestam atenção e sigam as regras, porque eles sempre estarão aprendendo coisas novas, se aprofundando e depois poderão colocar em prática.

Eu tive um bom aproveitamento nas aulas dessa disciplina, assim como também nas outras matérias, pois sei que todas são muito importantes. Esta professora a qual eu descrevi, dispensa a todos este mesmo comportamento e por isso todos gostam dela, pois ela atua sempre com justiça e coerência nos diversos momentos do seu trabalho. Esses são alguns dos motivos que me fizeram escolher esta professora para relatar os momentos mais significativos que tive na escola.

Fazendo uma análise dos meus últimos anos letivos posso afirmar que várias aulas me marcaram bastante. Porém vou me concentrar numa disciplina em especial.

As aulas de história para mim têm um atrativo à parte: sou apaixonada pela disciplina. A minha curiosidade é tanta que não me conformo apenas em fazer o que a professora me pede, sempre tenho que ir muito mais além.

O que me dá mais prazer é saber que a professora cede o espaço que necessito bom seria se todos os professores fossem assim, porém muitos cometem o erro de reprimir os alunos, causando-nos grandes decepções.

Além do interesse particular, as aulas de história me marcam exatamente por que não ficamos restritos a textos e questões copiadas de um mesmo livro, e justamente essa falta de monotonia a minha característica preferida: por exemplo, quando estudamos a história de um determinado povo, nós incorporamos estas pessoas e de certa forma tentamos adotar ou pelo menos entender sua cultura.

É nestas aulas que a nossa imaginação voa, guiada apenas pela temática de nosso estudo. Ao terminar o conteúdo até mesmo aqueles que no princípio estavam desinteressados, acabam conhecendo e aprendendo cada detalhe estudado.

Nessas aulas há uma grande troca de opiniões entre os alunos e a professora, onde cada um cria e defende suas teses. Porém há uma grande contribuição da parte da professora, que ao invés de sentar-se em sua cadeira, abrir um livro e ditar o conteúdo, ela transforma-se em uma aluna, interagindo junto com a turma.

A professora utiliza métodos descontraídos, onde ela nos orienta e nós mesmos fazemos a nossa aula. É uma professora calma, do tipo “professora-amiga”, brincalhona, porém muito discreta que sabe muito bem que a linha que separa uma aula produtiva de uma aula que não poderá ser aproveitada é muito fina e não deve ser ultrapassada. É uma das poucas professoras que sabe unir o útil ao agradável, e o resultado dessa parceria com o aluno é bastante evidente.

Existem várias características desta professora que eu gostaria muito de encontrar em outros professores: por exemplo, ao discutir determinado assunto em que ela sabe que está certa, ela vai até o fim e faz de tudo para nos fazer entender porque estamos errados. Já quando o aluno tem a razão, ela é bastante humilde e admite o seu erro e aceita a contribuição do aluno para enriquecer as aulas.

Enfim, gosto das aulas de história por serem descontraídas e principalmente por que a professora construiu com os alunos uma relação amigável.

Determinadas situações exigem técnicas adequadas para melhorar o desempenho da aprendizagem no cotidiano escolar.

É notável e do conhecimento de todos, que alguns fatos têm maior significância para nós e por isso ficam marcados na memória. A escola pode ser perfeitamente uma exemplificação disto, pelo fato de que, muitos alunos a espera de alguma “mensagem” a ser captada e professores procurando a melhor forma de transmitir essa “mensagem”, de uma maneira que facilite a compreensão e o entendimento geral.

Porém nem todos obtêm êxito nesta tarefa, tanto os alunos por serem às vezes muito distraídos ou mesmo desinteressados, como os professores que às vezes não atingiram a melhor maneira de passar ao jovem o que ele deseja. Mas neste caso vamos analisar o que dá certo, observando os pontos positivos, deixando de lado os negativos.

Baseado em minha humilde experiência, e em relatos de colegas posso acreditar que todos ao longo de suas vidas estudantis já tiveram ao menos uma aula da qual se pode afirmar com confiança, que se alcançou um aprendizado real.

Considero-me feliz em dizer que isso aconteceu muitas vezes comigo, trazendo com a clareza as minhas reminiscências mais distantes ao presente: lembro-me de uma aula na segunda série do ensino fundamental, em que aprendíamos o uso da consoante (m) antes das consoantes (p) e (b). Isso ficou gravado em minha mente por que a professora usou uma música, para nós aprender, na época foi muito gostoso e eu não me esqueci. Essa forma de ensinamento produz ótimos resultados em crianças e precisa ser adaptada para os jovens.

Já em uma aula de não muito tempo atrás, ocorrido na segunda série do ensino médio, estávamos no meio do ano letivo e estudávamos a ação dos hormônios nas plantas. A forma escolhida pela professora foi em dividir a turma em grupos e dar a cada grupo um ponto sobre o assunto.

Meu grupo devia estudar sobre o ácido indocilacético (AIA), para então apresentar a turma e assim com os demais grupos. Lembro-me desta aula até pelo fato do pouco tempo decorrido, e do aprendizado que proporcionou a todos. Muitos fatores contribuíram para que toda turma tivesse alcançado um bom nível de interesse. Primeiro por que a professora desde o início das aulas procurava usar uma forma de linguagem sem rebuscamentos, mas com exemplos bem simples. Em segundo lugar, a professora tinha a medida certa de escrever e explicar, pois me lembro de que copiávamos textos bem resumidos, porém tinham grande abordagem e eram falados tanto pelos alunos como pelo professor, ou seja, havia uma participação da turma, ou pelo menos da maioria.

A professora pelo seu caráter espontâneo, deixava os alunos bem à vontade para tirarem suas dúvidas e assim nos sentíamos livres e sem medo de perguntar, pois creio que temos que ter em mente, que estamos na escola para aprender e temos as mesmas capacidades.

Outro ponto que colabora é que o assunto possuía ligação com o nosso dia a dia, por exemplo: achei interessante saber sobre o amarelamento das folhas e o não desenvolvimento das frutas. Essas informações científicas derrubam crenças infundadas, e isso desperta o interesse do aluno.

Também como exemplo, cito as aulas de português deste ano. Eu valorizo muito a forma que estudamos os conteúdos, geralmente copiávamos alguma teoria não muito extensa, a professora explica de uma maneira bem simples, mas de uma forma que pudéssemos “entender o recado”, logo após a explicação é hora de por em prática o que aprendemos, a professora nos deixa

muito a vontade para o esclarecimento das dúvidas, pois na hora da correção é permitido a todos expor as suas idéias, sendo que essas são analisadas e muito dificilmente descartadas completamente, pois com tudo existe algo de bom, até mesmo já fizemos auto-correção, o que gosto muito pois transmite ao jovem a real sensação de que temos que ser responsável, por exemplo: se copiarmos de alguém ou de outro tipo de fonte, podemos até acertar e fazer os demais acreditarem que nos acertamos, porém não podemos enganar a nós mesmos e temos que aceitar a incapacidade por não tentar, o que representa um dos piores erros, perder sem ao menos tentar, é mentir pra nós mesmos.

Enfim poderia citar muitas outras aulas bem sucedidas, como as de inglês deste ano, literatura e física. No entanto também existem aulas que mereciam uma reavaliação, como as aulas de química do ano anterior e deste ano. No ano anterior eu admirava a professora de química por seu conhecimento da matéria, mas que não se dava muito bem com os alunos. Este ano eu tenho em química outra professora, que é dotada de muita calma e paciência para explicar. Acho que a combinação das duas seria um encaixe perfeito, o conhecimento e a firmeza nas explicações de uma professora, aliado a grande paciência e boa vontade da outra. No meu ponto de vista teríamos qualidade e eficiência com uma só pessoa. Concluindo gostaria de ressaltar que o nível de aprendizado não depende somente do professor, mas exige também o interesse e esforço do aluno. Ou seja, para que se chegue a um bom índice de qualidade educacional, deve haver um equilíbrio entre conteúdo teórico, conteúdo prático e interação entre os alunos e o professor, necessitando interesse e esforço de ambas as partes.

A idéia de escolher uma aula ou um professor como o (a) melhor é praticamente impossível. Isso porque os professores são seres humanos e todos possuem pontos positivos e pontos negativos, dias bons e dias ruins, mas existem características em alguns professores que se fossem somados em apenas um, tornaria a aula “perfeita”.

Uma das principais características que um bom professor deve ter é a paciência e gostar de ensinar, porque existem muitos professores que não gostam de ser questionados sobre um determinado assunto, mesmo que esse assunto esteja ligado a matéria passada para os alunos.

A aula “boa” é aquela que vai além do conteúdo, deve existir questionamento, conversa e lógico que o professor precisa ter vocação para ensinar.

A paciência é uma das principais virtudes que um professor deve ter, porque existem dias que a matéria não tem jeito de entrar na cabeça, às vezes a gente pode ficar a aula inteira “batendo a cabeça” pra entender e não adianta, por isso que a paciência é fundamental para o professor, pois nós alunos muitas vezes jovens, ainda não possuímos o entendimento necessário sobre a importância de um determinado conteúdo.

Além de paciência e vocação o bom professor deve buscar o máximo de informações sobre a matéria. Isso porque não adianta o professor decorar tudo o que está escrito no livro e não explicar nada, pois em algumas matérias a linguagem usada é bastante complicada e nem mesmo o professor consegue interpretar.

As aulas que chamam a minha atenção são aquelas que o professor impõe respeito na sala de aula, mas sem ser aquele professor turrão, chato, que não te deixa nem abrir a boca, que já pede silêncio.

A boa é aquela que tem hora para a descontração, discussão, mas sem ser aquela matação de aula onde o professor fica a aula inteira falando a mesma coisa e ninguém entende nada.

O bom professor é aquele que está sempre bem informado, sobre os mais diversos assuntos ligados ao mundo, para que a gente não tire apenas dúvidas ligadas à matéria, mas sim sobre todos os assuntos que de certa forma nos influenciam.

Concluindo, boa aula é aquela que é bem aproveitada e quando termina, a gente possa dizer, “nossa a aula foi tão boa que nem percebi o tempo passar” e também que a gente tenha certeza que não seja preciso estudar apenas para a prova. Além disso, em uma boa aula o aluno não precisa ficar olhando a todo tempo o relógio na esperança que a aula acabe logo, quando isso acontece significa que a aula em nada nos acrescentou.